

RONAN JOSÉ NUNES DOS SANTOS

**BREVE HISTÓRIA SOBRE O MOVIMENTO ESPÍRITA VIÇOSENSE
ATRÁVES DE DOCUMENTOS E DA HISTÓRIA ORAL.**

Viçosa – MG

Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV

2016

RONAN JOSÉ NUNES DOS SANTOS

A HISTÓRIA DO MOVIMENTO ESPÍRITA VIÇOSENSE

Projeto experimental apresentado ao Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo, sob a orientação do Professor Ricardo Duarte Gomes da Silva.

Viçosa – MG
Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV
2016

AGRADECIMENTOS

Esse trabalho de conclusão de curso (TCC) só foi possível porque tive ajuda de muitas pessoas. Além de em minha caminhada estar sempre com um objetivo em mente: me formar.

Em primeiro lugar sempre agradeço a Deus que em todos os dias dos meus quatro anos de Jornalismo antes dormir rezava para que ele me ajudasse a superar todos os obstáculos. Aos meus pais, Rogério e Miramar, que sempre me educaram e me ensinaram a correr atrás do que eu quero.

Ao meu irmão Rogério que sem ele nem o vestibular eu tinha prestado. A minha Tia Rosana que durante todos os estudos me deu apoio e durante o TCC me deu suporte, levando em algumas das entrevistas.

A minha namorada Letícia, que mesmo lá da casa dela, via whatsapp, acompanhava passo-a-passo, capítulo a capítulo o que eu vinha fazendo.

Aos meus colegas de Jornalismo que sempre estiveram ao meu lado nos trabalhos realizados durante os quatro anos de graduação. Em especial a Ingrid Carraro que foi a responsável em pôr a ideia de que eu tinha de fazer algo diferente do que eu já tinha feito. Shayene Martina, a Shay, sempre sorrindo, me apoiando e acreditando. Karina Mendes, que apesar do pouco tamanho, me puxava a orelha quando eu dava uma relaxada na hora de fazer os trabalho (incluindo o TCC). E não posso me esquecer de Gustavo Pires, amigo pra toda hora, chato as vezes, mas sempre incentivando do seu jeito.

Ao meu orientador, Ricardo Duarte, que com sua calma e paciência soube me guiar na confecção do trabalho. Aos demais professores do Jornalismo: Kátia Fraga, Ernane Rabelo, Mariana Procópio, Mariana Bretas, Henrique Mazzeti, Rennan Maffra, Kelly Scoralick (professora substituta), Hideide Torres (professora substituta), Joaquim Lannes, Laene Mucci e Felipe Menicucci, todos eles em algum período me ensinaram algo que vou levar para a minha vida profissional.

Aos profissionais da Rádio Universitária e TV Viçosa que em algum momento trabalharam comigo e me deram apoio no meu tempo de Na Área.

Aos funcionários do Departamento de Comunicação Social (DCM), Jones Neves, Carla Fonseca, Priscila Oliveira, Leandro Vieira, Diogo Rodrigues, que ficaram sempre disponíveis para me atender quando necessário.

Por último, mas não menos especial, agradeço às minhas fontes, que sempre me atenderam com maior educação e que puxaram na memória fatos importantes para serem contados em meu livro: Maria do Rosário, Mauro Rezende, Dirceu Coelho, José Brandão, João Batista, Ana Maria, Aparecida de Lourdes, Sérgio de Almeida.

Espero que a contribuição de todos possa ser retribuída na leitura do livro *A história do movimento espírita viçosense* e que ao verem este trabalho saibam que, de alguma forma, todos contribuíram.

RESUMO

O livro-reportagem *A história do movimento espírita viçosense*, foi um projeto experimental produzido como trabalho de conclusão de curso, do Curso de Comunicação Social/Jornalismo, da Universidade Federal de Viçosa (UFV). No livro conto a história da doutrina espírita na cidade de Viçosa, percorro todo o caminho, desde as primeiras manifestações lá na década de 50, 60, até chegar no momento atual. Passo pelas dificuldades, preconceitos, atividades realizadas, na tentativa de expor uma história de mais de meio século. O livro tem por intenção não só apresentar a história dessa “religião”, que cada vez mais cresce, mas que ainda é muito desconhecida, também quero exibir alguns fatos que mostram como é a doutrina espírita. Para elaborar o livro, foram usadas técnicas de Jornalismo, aprendidas durante os quatro anos de graduação na UFRV.

Palavras-chave: Espiritismo; Livro-reportagem; Viçosa; Espíritas, Centros Espíritas.

ABSTRACT

The book-report *A história do movimento espírita viçosense*, was an experimental project produced as work of conclusion of course, of the Course of Social Communication / Journalism, of the Federal University of Viçosa (UFV). In the book I tell the history of the spiritualistic doctrine in the city of Viçosa, I travel the whole road, from the first manifestations there in the decade of 50, 60, until arriving in the current moment. Step by step for the difficulties, prejudices, accomplished activities, in the attempt of exposing a history of more than half century. The book has for intention not only to present the history of that "religion", that more and more grows, but that is still very unknown, I also want to exhibit some facts that show how the spiritualistic doctrine is. To elaborate the book, techniques of Journalism they were used, learned during the four years of graduation in UFRV.

Word-key: Spiritism; Book-report; Viçosa; Spiritualists, Spiritualistic Centers.

Sumário

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO I: REFERENCIAL TEÓRICO	9
1. JORNALISMO	9
2. MEMÓRIA E HISTÓRIA ORAL	11
3. O ESPIRITISMO	12
CAPÍTULO II: RELATÓRIO TÉCNICO	14
1. PRÉ-PRODUÇÃO	14
2. PERSONAGENS	14
3. METODOLOGIA	16
4. PRODUÇÃO	19
5. PÓS-PRODUÇÃO	19
6. DESCRIÇÃO DO PRODUTO	20
7. ORÇAMENTO	20
8. MATERIAIS	20
9. CRONOGRAMA	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	25
ANEXOS	27

INTRODUÇÃO

Desde quando era bem pequeno todos citavam minha habilidade em contar histórias, que eu engenhoso e ao invés de resumir, me alongava nos assuntos. Mais velho fui ficando e a habilidade de me alongar em pequenos assuntos era a mesma de criança.

Quando entrei na Universidade pela primeira vez tinha 17 anos. O era curso de Agronomia na própria Universidade Federal de Viçosa - UFV. Por lá passei quatro anos mas havia amigos de família que falavam que eu não tinha cara de engenheiro agrônomo.

Dessa forma sai da Agronomia e vim para o Jornalismo na mesma UFV. Uma mudança radical mas onde poderia ser usado a tal habilidade que vinha desde menino: a de contar histórias.

Desde criança a minha paixão sempre foram os esportes. Mal tinha largado a “chupeta” e ia com meu pai nos bares ouvia atentamente sobre futebol de antigamente e, às vezes, até opinava para a surpresa de muitos.

No Jornalismo, logo no início, um amigo, Felipe Pacheco, me chamou para fazer parte de um programa esportivo na rádio universitária: o Na Área. De imediato aceitei. Foram quase dois anos de casa percorrendo cargos de comentarista, produtor e apresentador onde muito aprendi.

Nas matérias específicas do curso me dava melhor ainda quando ia falar sobre esportes. Os colegas, que pouco sabiam do assunto, logo vinham me perguntar se não tinha como ajuda-los.

Seria meio que óbvio que um cara como eu fosse fazer algo sobre esportes, correto? Errado. Até que em certo momento passou pela minha cabeça vários temas relacionados a esporte que eu poderia desenvolver: a história sobre o antigo estádio municipal de Viçosa, biografia do pontenovense Reinaldo que jogou no Atlético Mineiro, entre várias outras que passaram em minha cabeça mas não concretizaram.

Eis então que uma amiga falou que eu tinha de buscar algo diferente, algo que incrementasse o meu currículo para que não ficasse só nos esportes. Então passei algum tempo pensando o que poderia ser.

No sexto período fiz uma disciplina com o Professor Ernane chamada “Jornalismo Literário”, na qual tínhamos que desenvolver um trabalho final no valor de 60 pontos. Esse trabalho era uma grande reportagem.

O tema da minha grande reportagem foi definido como “trabalhos voluntários realizados pelos espíritas em Viçosa”. Escolhi esse tema por ter participado e ajudado em um trabalho na cidade, mesmo não sendo espírita.

Ao desenvolver esse trabalho acabei gostando, aprendendo muito e levei essa experiência para frente.

Sendo assim, quando precisei definir o que faria em meu trabalho de conclusão de curso (TCC), já que não seria esportes, lembrei-me desta grande reportagem. Foi então que me questionei: “Porque não fazer um trabalho que conte não só os trabalhos voluntários, mas a história do espiritismo em Viçosa como um todo?”. Foi então que consultei alguns professores sobre o assunto a fim de obter conteúdo para um trabalho tão grande. Todos afirmaram que daria.

A partir disso eu teria que escolher o formato em que seria realizado o trabalho. Foi então que juntando o que aprendi em “Jornalismo Literário”, sabendo que não havia bibliografias sobre o espiritismo viçosense e que se tratava de uma história de muitos anos, que decidi por fazer um livro-reportagem.

CAPÍTULO I: REFERENCIAL TEÓRICO

1. JORNALISMO

Algo bem produzido no jornalismo geralmente está ligado a periodicidade. Em certo período de tempo haverá mais publicações, para reiterar aquilo que foi dito antes. Com o livro-reportagem é diferente. Não é periódico, mas é bem produzido, reúne bastante informação, ao contrário das reportagens do cotidiano, como bem preleciona Edvaldo Pereira Lima.

O livro-reportagem estende a função informativa e orientativa do jornalismo impresso cotidiano uma vez que cobre vazios deixados pela imprensa, e amplia, para o leitor a compreensão da realidade. (LIMA, 2008, p.61)

Para que o texto a ser produzido seja atrativo a quem irá ler tem que existir informações o suficiente. Não pode tratar o assunto de forma rasa, pois se não trata da atualidade. Mesmo que tratasse ninguém iria ler mais de uma vez algo com pouca informação. Além disso buscariam informações em outros textos.

Um livro-reportagem trata de um “mergulho” na informação a ser dada, pois serão várias páginas tratando de um mesmo assunto. Ele não só será rico em quantidade de páginas escritas mas também na qualidade das informações inseridas como explica Bruno Ravanelli Pessa.

A reportagem visa atender a necessidade de ampliar os fatos para uma dimensão contextual e colocar para o receptor uma compreensão de maior alcance, objetivo melhor atingido na prática da grande-reportagem, que possibilita um mergulho de fôlego nos fatos e em seu contexto e oferece ao seu autor uma dose ponderável de liberdade para superar os padrões e fórmulas convencionais do tratamento da notícia. (PESSA, p.1)

O assunto quando já citado ou escrito por alguém torna, de certa forma, mais fácil a produção de um próximo produto, uma vez que o escritor terá bibliografia sobre o assunto a ser tratado. Mas no caso em que não existem textos que falem sobre o assunto torna-se mais difícil a busca por informações. Dessa forma o trabalho será mais exploratório.

O livro-reportagem *A história do movimento espírita viçosense* se enquadra no que foi dito, pois em Viçosa não existe quase nenhum tipo de produção acerca do assunto, tornando-se o trabalho de produção do livro mais exploratório.

Para isso tive de me preparar para falar do assunto, ouvir com atenção o que cada entrevistado tinha a dizer e, mesmo que com um roteiro a ser seguido, foi baseado no que eles falavam que iria construindo a minha narrativa.

Além do mais se o jornalista se preparar mal para uma pesquisa, seja ela qual for, o resultado provavelmente será uma reportagem, grande reportagem, livro-reportagem, ou outro produto, fraco de informações, como está inscrito na obra de Edvaldo Pereira Lima.

Como primeira etapa do processo de produção da mensagem jornalística, a pauta é a definição de rumos, o estabelecimento de diretrizes que, quando mal administrada, conduz a matéria a terrenos pouco férteis (LIMA, 2008, p.68).

Para falar de um assunto de história espiritual, nesse caso são mais de 50 anos, é necessário meses de preparação. Ainda mais quando se é o primeiro a falar do assunto. A partir disso vê-se que será contatada uma história desconhecida, até mesmo por parte daqueles que são personagens.

A reportagem se difere da notícia no sentido de tratar um assunto de forma mais profunda, sendo mais minucioso no fato do que simplesmente cita-lo. Busca-se ir a fundo nas histórias dos personagens.

No caso do movimento espírita da cidade de Viçosa não ter quase nenhuma publicação sobre sua história há uma informação: existe apenas um folheto informativo, o "*brilhe vossa luz*", que contém oito páginas e fala de forma breve do início do espiritismo. Ele cita somente o "Centro Espírita Camilo Chaves". Tornando-se a história oral a única forma possível de se buscar informações sobre o assunto.

A história oral nada mais é do que a busca por informações que estão contidas na memória de quem viveu determinado acontecimento e em determinada época. Assim, os fundadores de centros espíritas em Viçosa são a melhor fonte que possamos recorrer para falar sobre o assunto.

Além disso a confiança na fala do entrevistado é maior do que se estivesse em um livro, pois o mesmo viveu o evento. Dessa forma ele conta aquilo que passou fazendo o interlocutor sentir-se como se estivesse vendo através dos olhos do personagem.

2. MEMÓRIA E HISTÓRIA ORAL

Em lugares em que não se encontrem documentos que falem sobre determinado tema o recomendado a se fazer é pegar depoimentos de pessoas que se relacionam ao assunto e transformar aquilo em documentos escritos. Esse método é chamado de história oral que se difere de memória. A partir do momento em que a fala do entrevistado se torna material e é captada por um dispositivo (MP3, MP4, etc.) ela sai da oralidade e deixa de ser memória tornando-se história oral.

Mas se engana quem acha que a história oral é pura e simplesmente entrevistas. Ela é um conjunto de procedimentos que se inicia com a elaboração de um projeto e que continua com a definição de quem será entrevistado como bem determina José Carlos Sebe Bom Meihy.

A história oral, pois, é mais do que arquivo de gravações. Implica a elaboração de um documento que pode ser, num primeiro momento a transcrição do testemunho e, em outra etapa, a sua análise. (MEIHY, 1994, p.53)

São três tipos de história oral segundo consta no trabalho de José Carlos Sebe Bom Meihy: a história oral de vida, a temática e a tradição oral. A tradição oral se difere das demais por se aproximar mais da memória. Já a história oral de vida é a experiência própria da pessoa enquanto que a história oral temática trata de um tema em específico e que várias pessoas falam sobre ele. É este “ramo” da história oral em que meu livro mais trabalha.

[...] história oral de vida obedece a um procedimento conhecido por entrevistas livres, isto é, sem questionário ou perguntas diretamente indutivas. História oral temática, por sua vez, está mais vinculada ao testemunho e à abordagem sobre algum assunto específico. A vida enquanto experiência individual tem, para esta vertente, significado menor e relativo. (MEIHY, 1994, p. 56 e 57)

Tanto a história oral de vida quanto a história oral temática tratam daquilo que foi vivido pelo entrevistado mas, como citado, a vivência pessoal importa menos para a história oral temática.

No caso do livro que traz o breve histórico do espiritismo na cidade de Viçosa torna-se notável o uso da história oral temática híbrida. Para Meihy ela consiste na junção das falas dos entrevistados e a narrativa do autor. Ou seja, essas duas características “andam” juntas no livro. Dessa forma, “a história oral temática híbrida goza de uma respeitabilidade maior porque equipara a voz do narrador aos documentos escritos (MEIHY, 1994, p. 60)”.

Portanto o livro trata de uma narrativa em que se junta vários fatores. Dentre eles os relatos orais dos entrevistados para que, transcritos e juntos, tornarem-se a história de um conjunto, qual seja, o espiritismo na cidade de Viçosa.

3. O ESPIRITISMO

Como já citado a cima não existe muita coisa acerca do movimento espírita na cidade de Viçosa-MG. Isso não impede, porém, que haja um referencial teórico que tivesse me ajudado na confecção do livro-reportagem.

Antes mesmo de começar a escrever o livro-reportagem e de partir para entrevistas precisei melhor compreender o tema que iria abordar. Dentro do meu referencial teórico está o livro “O que é o espiritismo” traduzido de “Qu’est-ce que le spiritisme” de Allan Kardec que me ajudou na compreensão da doutrina espírita.

O livro servirá para uma melhor aprendizagem sobre o tema que irei abordar, afinal como já foi dito, não sou espírita e para falar de algo do qual eu não faço parte, ou não fui criado “no meio” é preciso de algo que me tire do “achismo” e me guie na pré-produção do livro-reportagem.

“O que é espiritismo” servirá para que eu saiba direcionar a produção e economizará tempo fazendo com que o trabalho fique “mais fácil” do que se tivesse de aprender sobre o tema durante a confecção do livro.

A dissertação de mestrado ‘ ‘ *As origens do espiritismo no Brasil: Razão, Cultura e Resistência no Início de uma Experiência (1850-1914)* ’ ’ de Paulo César da Conceição

Fernandes também servirá para aprendizado sobre o tema. Mas, nesse caso, o aprofundamento será maior.

A dissertação tem o foco da doutrina espírita no Brasil aproximando-se mais do que pretendo falar – o espiritismo viçosense. Ela fica mais focada em compreender a história do espiritismo e não o que é a doutrina.

Esse artigo (“*As origens do espiritismo no Brasil: Razão, Cultura e Resistência no Início de uma Experiência (1850-1914)*”) faz com que seja mais fácil a compreensão de como foi instaurado o movimento no país e, conseqüentemente, se aproxima mais Viçosa-MG – que é meu ponto de estudo – do que o livro produzido por Allan Kardec (Qu’est-ce que le spiritisme).

A bibliografia mais próxima do meu trabalho é um informativo doutrinário do “Centro Espírita Camilo Chaves”, de nome “*Brilhe Vossa Luz*” datado de setembro de 2015. Esse informativo conta, de forma breve, a história do movimento espírita viçosense.

O trabalho do “Centro Espírita Camilo Chaves” contém oito páginas e fala, de forma resumida, sobre o espiritismo em Viçosa. Ele trata desde as primeiras tentativas até a fundação do primeiro centro espírita – o próprio Camilo Chaves. Apesar de contar sobre o começo este folheto foca muito em um só centro espírita.

O informativo doutrinário servirá para compreender mais sobre o espiritismo de Viçosa. Ele vai mais direto ao ponto do que pretendo abordar e abre um leque maior de informações dando um direcionamento mais específico do que a dissertação de “Paulo César da Conceição Fernandes”.

Com o “*Brilhe Vossa Luz*” saberei mais facilmente onde procurar melhor as informações do movimento espírita viçosense, até mesmo porque tratou de uma forma mais geral o espiritismo da cidade. No meu livro-reportagem pretendo aprofundar ainda mais abrangendo temas mais amplos do que só uma linha que siga entre criação e desenvolvimento do movimento espírita na cidade.

CAPÍTULO II: RELATÓRIO TÉCNICO

1. PRÉ-PRODUÇÃO

Para definir o tema conversei com várias pessoas, tive várias ideias, de variados temas, mas o que mais me atraiu e que renderia um bom Trabalho de Conclusão de Curso - TCC foi a história do movimento espírita viçosense.

Definido que esse seria o tema delimito que o melhor para relatar tudo isso seria a história oral (memória dos espíritas viçosenses). Após isso verifiquei que formato mais adequado seria um livro-reportagem.

Definido tema e formato a ser realizado o trabalho foi atrás de catalogar cada centro espírita de Viçosa e descobrir as melhores fontes para contar essa história.

A amostragem de fontes escolhida foi por causa da relação mais longa dessas pessoas com os seus respectivos centros espíritas, sejam elas fundadoras, co-fundadoras, ou que então acompanhou grande parte da caminhada do centro. Não foi buscado um número maior de fontes pelo motivo de que não seria a mesma relação histórica que essas outras pessoas mostraram durante as entrevistas.

2. PERSONAGENS

Toda boa história tem que ter bons personagens. Partindo disso foi importante a busca de quem mais soubesse contar toda a trajetória do movimento espírita na cidade de Viçosa. Nem sempre o principal fundador do centro espírita é quem mais sabe. Por isso tive de ser seletivo e não me importar com o cargo em que a pessoa ocupa ou ocupou e sim o quanto ela lembra e vivenciou em toda caminhada do espiritismo na cidade.

Mas os “personagens” não são as pessoas em si. Dei mais ênfase nos centros espíritas e a partir da história destes é que montei o livro que conta a história da doutrina na cidade.

Centro Espírita Camilo Chaves – Começando pelo primeiro centro espírita de Viçosa. Aquele que em uma das entrevistas foi citado como o que mais “apanhou” para o estabelecimento da doutrina, estranha à época. Quem me contou a história deste centro foram duas pessoas: Dirceu Teixeira Coelho e Mauro Rezende – ambos constam na ata

de fundação do centro. A fundação é datada de 8 de setembro de 1962 mas o Centro Espírita Camilo Chaves só passou ao atual endereço, na Rua Gomes Barbosa 476, em meados de 1965. Antes de se estabelecer no local teve que enfrentar várias dificuldades. O nome recebido é em homenagem a um ex-presidente da União Espírita Mineira (UEM) que foi consultada antes e sugeriu essa nomeação.

Centro Espírita Irmã Scheilla – Seguindo por ordem de criação, o segundo centro espírita de Viçosa foi o Irmã Scheilla. Este, assim como todos os centros espíritas, enfrentou dificuldades e o primeiro local a se estabelecer não foi onde hoje se encontra. Quem me contou essa história foi o ex-professor da Universidade Federal de Viçosa, José Brandão Fonseca. Ele é marido de Maria Mazzarello que consta na ata de fundação. O Scheilla começou por reuniões da casa de um dos casais que participaram da fundação, Maria Amélia e José Paulo, em 1976. Mas a primeira reunião com registro em ata foi acontecer em 7 de outubro de 1977. Apenas no dia 29 de março de 1982 é que foi oficializada a fundação do Centro Espírita Irmã Scheilla. Atualmente o centro é localizado em sede própria na Rua Araponga, 66, Cantinho do Céu.

Associação Cristã Espírita Allan Kardec (ACEAK) – A ACEAK foi fundada em 3 de novembro de 1979 mas assim como os demais o local onde hoje se encontra, Rua Dona Gertrudes, não foi o local da fundação. Quem me contou a história deste centro espírita foi Maria do Rosário que mostrou a ata de fundação na qual consta o nome do já falecido fundador Dr. Expedito. Até chegar à casa da rua dona Gertrudes, no centro da cidade, o centro alugou uma casa na Rua Marli Azevedo, no bairro São Sebastião. Neste local ficaram até 1993 quando construíram o primeiro pavimento da atual sede, que só concluiu toda a estrutura no ano de 2000.

Grupo Espírita Caminho de Amor – É o menor de todos os centros espíritas mas com história semelhante aos demais. O Grupo Espírita Caminho de Amor tem a história mais itinerante de todas e quem me contou sobre ele foi Sérgio Almeida, que consta na ata de fundação. O início dos trabalhos são de final de 1989, início de 1990, mas a reunião em que se teve a ata de fundação e que escolheu este nome para o centro espírita, foi em 22 de maio de 1992. O Caminho de Amor é o único dos sete centros espíritas de Viçosa que ainda não tem sua sede própria. Tem o terreno mas falta construir. Atualmente é localizado na Rua Getúlio Vargas, 50, bairro Bom Jesus e o terreno de posse do grupo é também situado no mesmo bairro.

Centro Espírita Chico Xavier – Se alguém ouvir falar em Casa do Caminho e não reconhecer o Centro Espírita Chico Xavier, não se assuste. O grupo espírita que criou o centro tinha em sua intenção um trabalho assistencial de 24 horas. Esta intenção fez com que se mudassem do centro espírita a qual participavam anteriormente, o ACEAK, e buscar construir o próprio. Foi aí que construíram a Casa do Caminho para a realização do trabalho assistencial e dentro da mesma estrutura fundaram o Centro Espírita Chico Xavier, em março de 2001, inaugurando as atividades em abril de 2002. Quem me contou toda a história foi João Batista da Costa que é um dos fundadores da Casa. O Centro Espírita Chico Xavier/Casa do Caminho tem sede própria localizada na Rua Raimundo Albino Moreira, 41, no bairro Santa Clara.

Pronto Socorro Espiritual Maria de Nazaré – O mais longe do centro da cidade e o que teve uma história um pouco diferente dos demais. Quem me contou essa história do Pronto Socorro Espiritual Maria de Nazaré, foi Ana Maria Gonzaga, fundadora do centro. Foi na casa de Aninha, como é popularmente conhecida, que se iniciaram as atividades que deram origem ao centro. Depois dos trabalhos evoluírem decidiu-se montar uma sede que continuou sendo no terreno de Aninha, na rodovia MG-280, km 6, Paraíso, mas não mais na casa da fundadora. Cito este como um pouco mais diferente dos outros por não ter mudado muito de local, característica inerente ao movimento espírita de Viçosa.

Comunidade Tereza Dávila – O caçulinha de todos os centros espíritas. Quem me contou essa história foi Aparecida de Lourdes, mais conhecida como Cida. Ela foi uma das fundadoras da Comunidade Tereza Dávila, situado no bairro Nova Viçosa. A ideia de fundar o centro espírita no bairro veio da dificuldade de Cida para ir a um centro espírita e foi assim que, junto a uns conhecidos, ela começou com um trabalho de assistência e a realizar reuniões de estudo. A fundação é de 2009. Trabalhando bastante tempo no anonimato o registro da Comunidade Tereza Dávila é de pouco mais de um ano. Hoje o centro tem uma sede própria no bairro Nova Viçosa. A casa foi doada pelo Centro Espírita Camilo Chaves.

3. METODOLOGIA

A procura pelos personagens foi o ponto inicial de meu trabalho. Por não ser espírita o nível exploratório seria maior. De meu conhecimento existia somente dois

centros espíritas: a Casa do Caminho (Centro Espírita Chico Xavier) e o Centro Espírita Camilo Chaves. Por ter uma tia que é espírita os obstáculos diminuíram e como conhecia o professor Dirceu Teixeira Coelho, decidi que ele, por seguir a religião a bastante tempo seria o meu ponto de partida para as demais fontes. Além disso, uma grande reportagem que realizei na disciplina de “Jornalismo Literário” sobre os trabalhos voluntários que eram realizados pelos centros, fez com que conhecesse um pouco mais do espiritismo na cidade.

Após reunião com meu orientador, Professor Ricardo, decidiu-se que meu livro-reportagem seria baseado em história oral, ou seja, na memória dos entrevistados. A partir disso comecei a usar técnicas das quais aprendi nessa minha caminhada de curso. A entrevista foi sendo aprofundada com base em importâncias de cada tema que a fonte ia contando. Se fosse percebido um assunto mais importante do que constava em meu roteiro desviava-se o foco momentaneamente para aquilo.

Para adequar o texto e ter uma ordem cronológica tive que sempre estar atento e pedir à fonte para que se lembrasse do período, se não exato, o mais próximo possível.

O que se buscou no livro não foi contar a história de cada centro espírita de uma forma separada. Logicamente que cada um tem sua história e contribuição, mas assim como as demais religiões, independente de quantos centros Viçosa tivesse, a história seria uma só: da doutrina espírita que cada centro contribuiu. Não atoa o tema do livro é o movimento espírita viçosense.

Para separar tópicos com a maior semelhança possível de tema todas as entrevistas eram baseadas em três principais: História, Trabalho e Preconceito. Sendo que inevitavelmente haverá diferenças mas estas contribuem da mesma forma que as igualdades.

A elaboração dos capítulos foi em décadas visto que a criação dos centros não tem uma uniformidade, ou seja, cada um começou em uma época diferente. A partir daí “decupei” todas as entrevistas que fiz – elas deram mais de 60 páginas decupadas –, atribui uma cor a cada capítulo e fui marcando os trechos em que as histórias se encaixam.

A entrevista foi de caráter semiaberto pois apesar de ter um roteiro que me dava a direção a ser seguida o entrevistado ia puxando na sua memória os acontecimentos e desviando do que seria o curso natural. Ao fazer a pausa ou terminando de contar eu

procurava, aos poucos, ir retornando o caminho que foi definido lá no início. Nunca terminei a entrevista da mesma forma que havia planejado no começo.

A abordagem teve que ser em profundidade afinal não queria contar a história do espiritismo em Viçosa de maneira muito rasa. Dessa forma foi necessário ser direto nas perguntas e aprofundar para que contassem da forma mais minuciosa possível toda a história.

Os personagens são os centros espíritas mas quem conta história se torna um personagem de forma indireta. Acabou que sem intenção se destacaram dois personagens chave: o Centro Espírita Camilo Chaves, por ser o primeiro a existir em Viçosa e o Professor Dirceu Coelho, que devido a sua militância e por ser citado diversas vezes em várias das entrevistas se tornou o meu ponto de “tira dúvidas” e “fecha lacunas”.

Para captar as memórias para o livro-reportagem me utilizei de um gravador SONY, emprestado pelo Departamento de Comunicação Social (DCM). Após as gravações eu despejava todo conteúdo em meu computador, criando pastas separadas para cada entrevistado e colocando o nome da pessoa e a data em que entrevistei.

A “decupagem” foi feita em documentos do Word que eu criava com o mesmo nome que o áudio recebia. A “decupagem” foi feita através do gravador com fone de ouvido em que eu ouvia alguns segundos da fala e a transcrevia, sempre separando a minha pergunta da resposta do entrevistado.

Além do apoio do gravador nas entrevistas tive o apoio de um trabalho de conclusão de curso anterior ao meu, em 2014. O também livro-reportagem “*Liberatori: Histórias de Heróis Esquecidos da Força Expedicionária Brasileira*” (foto 1 do anexo), de Pedro Henrique Guimarães de Oliveira Vital. Esse foi um trabalho que me serviu de guia por se assemelhar ao que eu queria, a história oral, sendo de indicação de meu professor/orientador Ricardo Duarte Gomes da Silva.

Não usei muito de bibliografias complementares pois não havia quase nada que já tivesse falado sobre o movimento espírita em Viçosa e, como o meu objetivo não é explicar o que a doutrina espírita explica, mas sim qual a história da mesma na cidade, me baseei praticamente só nas memórias dos entrevistados.

O único texto específico que eu tive acesso antes de começar as entrevistas foi um folheto, com tiragem de 150 exemplares, chamado “*Brilhe Vossa Luz*”. Posteriormente,

em uma de minhas entrevistas é que recebi um texto do centro espírita Irmã Scheilla (foto 2 do anexo). No mais foram de textos jornalísticos que tirei algum fragmento para me auxiliar na produção textual, além do que aprendi no curso.

4. PRODUÇÃO

Como já citei a maior dificuldade foi encontrar bibliografias que me auxiliassem no trabalho. Baseando-me no livro de Pedro Vital tive a base estrutural de como seria meu trabalho mas o maior problema eram os textos específicos.

O folheto “*Brilhe Vossa Luz*” (2015) foi minha única base específica sendo que serviu apenas para que eu compreendesse algo mais sobre o movimento espírita na cidade. Mas o mesmo folheto só há registros da origem de estudos espíritas e da construção do primeiro centro espírita da cidade, o Camilo Chaves. Não cita, porém, os demais centros. Isso acontece porque o folheto foi feito em homenagem aos 53 anos de fundação do centro referido.

O livro *Liberatori: Histórias de heróis esquecidos da Força Expedicionária Brasileira* (2014) foi utilizado para que eu entendesse como que seria contar uma história, que está na memória de uma pessoa, com minhas palavras.

Foi através dessas duas bibliografias que comecei o trabalho de produção de meu livro-reportagem. A decisão de ir década após década facilitou ao organizar o texto. Ter a ordem cronológica também facilita o leitor se posicionar na época do acontecido.

A escolha do sumário foi o que achei mais adequado ao que ouvi em minhas entrevistas e que seria interessante para quem fosse ler o livro. A partir disso projetei o texto da melhor forma, ajustei as fotos e imagens para que não ficasse um texto muito massivo e que o leitor sentisse o prazer ao lê-lo.

5. PÓS-PRODUÇÃO

O formato que escolhi foi o A5 (14,8 cm x 21 cm) por ser o mais escolhido – quase se tornando um padrão entre os livros-reportagem. Dessa forma o texto flui mais do que em livros de maiores diagramações.

A capa do livro decidi que tivesse uma imagem que simbolizasse o título – como se fosse um tipo de junção entre o espiritismo e a cidade de Viçosa. Isso tudo para que, já no primeiro olhar sobre o livro, a pessoa que o pegar pra ler tenha a ideia do que se trata. A quarta-capa escolhi por uma frase que refletisse o que foi meu trabalho e, logicamente, que ela tivesse origem no espiritismo. Logo abaixo uma pequena biografia minha para o leitor conhecer.

A copiadora escolhida foi a Precisão, pois alguns colegas realizaram impressões lá, gostaram da qualidade, do preço e do prazo de entrega.

6. DESCRIÇÃO DO PRODUTO

Número de páginas: 72

Formato: 14,8 cm x 21 cm

Páginas: Papel offset 120g

Capa: colorida

7. ORÇAMENTO

Descrição	Valor
Impressões dos livros	R\$ 240,00
Impressões dos memoriais	R\$ 19,00
Revisão	R\$ 180,00
Diagramação	R\$ 220,00
Versão Final	R\$ 184,50
Total	R\$ 843,50

8. MATERIAIS

Quantidade	Descrição
01	Gravador de áudio SONY VN - 8100 PC
01	Notebook LG
01	Câmera D3200
01	Fone de ouvido do celular SONY XPERIA C 2304
01	Celular SONY XPERIA C 2304

9. CRONOGRAMA

Atividade	Mar 2016	Abr 2016	Mai 2016	Jun 2016	Jul 2016	Ago 2016	Set 2016	Out 2016	Nov 2016
Elaboração do projeto	X	X	X	X	X				
Pesquisa	X	X	X	X	X	X	X	X	
Elaboração do roteiro para as entrevistas						X	X	X	

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tempo total gasto foram mais de oito meses desde a pré-produção até o produto final. Mas se engana quem acha que só levei esse tempo para escrever um livro-reportagem. O tempo foi de pelo menos quatro anos.

Quatro longos anos em que aprendi várias técnicas jornalísticas, minha escrita melhorou durante o tempo – tive que ser mais rápido ao digitar –, além de melhorar o meu maior defeito: escutar as pessoas.

Nesses quatro anos acumulei bagagem necessária para realizar este trabalho com o apoio de muitas pessoas fui em frente. Dessa forma acreditei que poderia contar essa história de mais de 50 anos e que não havia nenhuma bibliografia sobre.

O que me ajudou muito foi a experiência de minha tia na doutrina espírita, uma vez que não sou espírita e teria que contar mais sobre a religião. Além disso me fez entender muita coisa nova sobre a doutrina, quase tudo o que eu não sabia. Acredito, porém, que ainda há muita coisa a aprender.

O livro-reportagem foi o formato mais adequado que encontrei por se tratar de uma história oral, contada pela memória dos entrevistados. Minhas palavras dariam margem a interpretação do leitor. O mesmo ao ler o livro começaria a imaginar aquilo que está escrito diferentemente do que acontece em um vídeo documentário por exemplo. Se assim fosse, seria simplesmente uma entrevista de profundidade ficando muito massivo e pouco criativo.

Não foi fácil transformar as horas de entrevistas em um livro-reportagem, mas confesso que foi o trabalho que mais aprendi nesses quatro anos de Jornalismo.

Cresci como pessoa, como futuro jornalista. Hoje estou pronto para enfrentar um mundo que se me derem matéria de qualquer editoria vou saber o jeito mais adequado de fazê-la. Muito disso pela minha insistência e mais ainda pela vontade de aprender, sabendo que não existe tema ruim, existe sim a melhor forma de tratá-lo e retratá-lo.

Quando ouvia as histórias sobre o espiritismo em Viçosa vi a superação que tiveram. Mesmo com poucas pessoas ajudando eles seguiram em frente – uns há mais tempo que outros – e continuarão na luta. Hoje sentem-se satisfeitos que alguém se interessou em contar a história deles. Isso foi uma “injeção de ânimo”, ou seja, um motivo a mais para produzir um material de qualidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASILEIRA, Federação Espírita. **Deus, Cristo e Caridade**. FEB. Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.febnet.org.br>>. Acesso em: agosto a outubro de 2016.

CHAVES, Fraternidade Espírita Camilo. **Brilhe Vossa Luz**. Belo Horizonte. Disponível em: <<http://www.camilochaves.org.br/>>. Acesso em: agosto a outubro de 2016.

DURÉ, Mariana de Souza. **Uma mochila de impressões**. 2014. . Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, 2014. Disponível em: <<http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/118926/000797035.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: agosto a outubro de 2016.

FERNANDES, Paulo César da Conceição. **As origens do espiritismo no Brasil: Razão, Cultura e Resistência no Início de uma Experiência (1850-1914)**. Universidade de Brasília. Brasília, 2008. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/6322/1/2008_PauloCesarCFernandes.pdf>. Acesso em: agosto a outubro de 2016.

KARDEC, Allan. **O que é o espiritismo?** Traduzido de Qu'est-ce que le spiritisme. Paris, junho de 1859.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Manole, 2008

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Definindo História Oral e Memória**. Caderno de Estudos Rurais e Urbanos. Universidade de São Paulo. 1994. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/cerusp/article/view/83299>>. Acesso em: agosto a outubro de 2016.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Memória, história oral e diferenças**. Publicado em 1º de novembro de 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QvPyJ-OjsuM>>. Acesso em: agosto a outubro de 2016.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **O que é História Oral? Professor Sebe explica.** Publicado em 20 de janeiro de 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rl8CDDXFmTE>>. Acesso em: agosto a outubro de 2016.

MINEIRA, União Espírita. **UEM.** Belo Horizonte. Disponível em: <<http://www.uemmg.org.br>>. Acesso em: agosto a outubro de 2016.

PESSA, Bruno Ravanelli. **Aproximações entre Jornalismo Literário e Imprensa Alterantiva.** 6º Interprogramas de Mestrado da Faculdade Cásper Líbero. São Paulo. 5 e 6 de novembro de 2010. Disponível em: <<http://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/04/Bruno-Ravanelli-Pessa.pdf>>. Acesso em: agosto a outubro de 2016.

PORTELLI, Alessandro. **O que faz a história oral diferente.** Tradução de Maria Therezinha Janine Ribeiro. São Paulo. 1997. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11233/8240>>. Acesso em: agosto a outubro de 2016.

VERDADE, Centro Espírita Luz e. **O que é o Espiritismo?** Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.celv.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=49&Itemid=41>. Acesso em: agosto a outubro de 2016.

VITAL, Pedro Henrique Guimarães de Oliveira. **LIBERATORI: História de heróis esquecidos da Força Expedicionária Brasileira.** Editora Luminária Academia, 2015.

ANEXOS

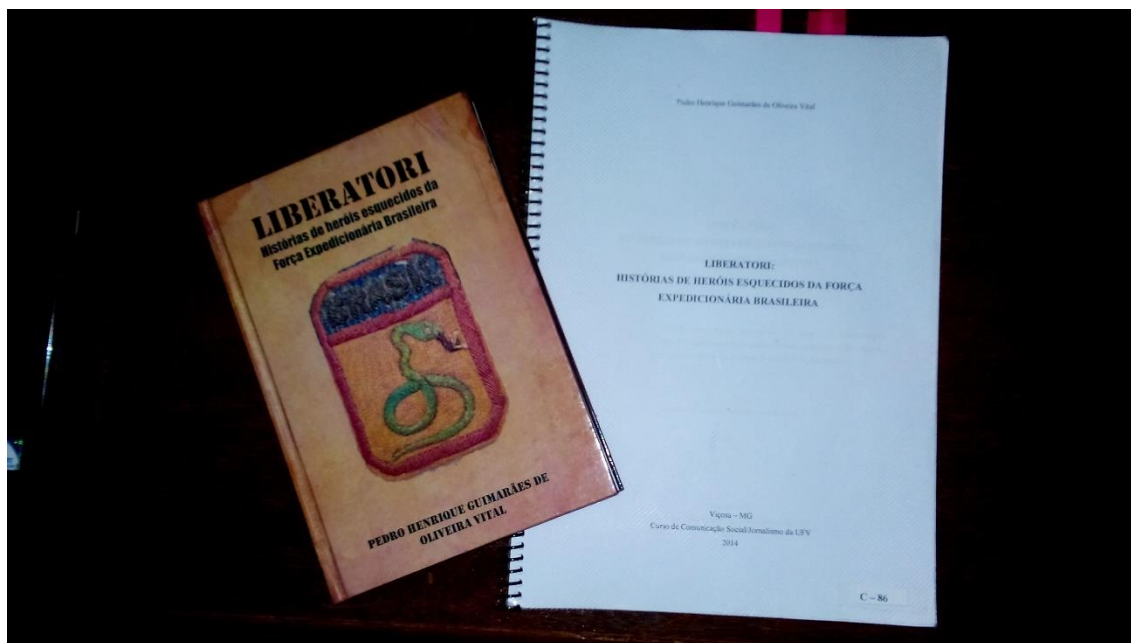


Foto 1:Foto do livro-reportagem em que me baseei para a produção do meu.

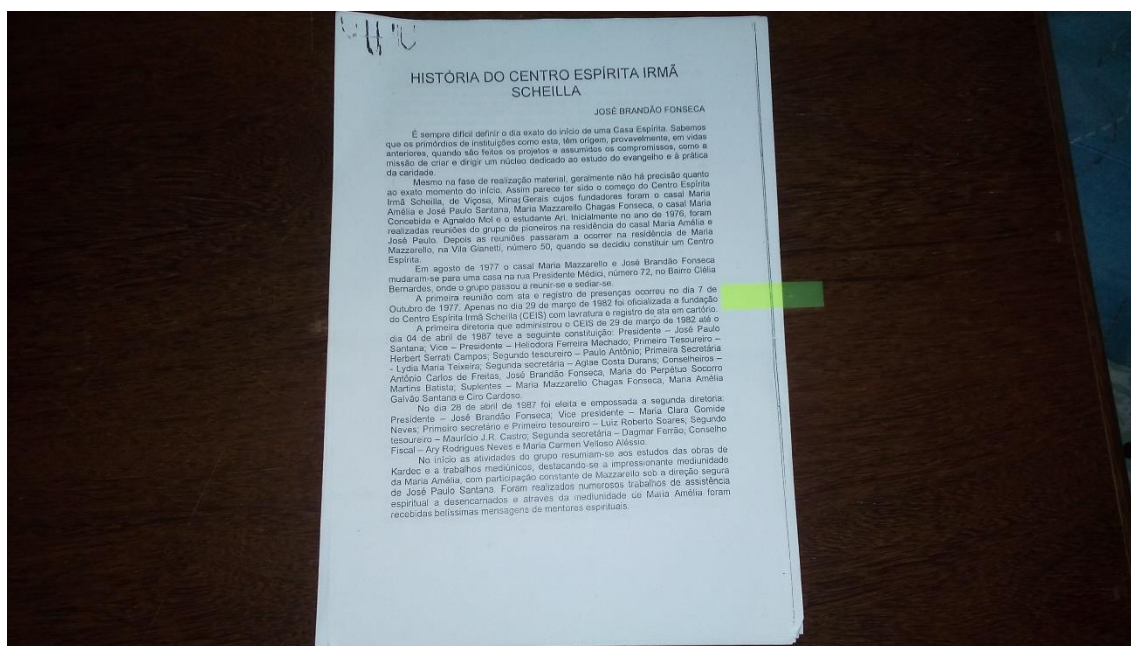


Foto 2: Texto informativo do Centro Espírita Irmã Scheilla

ENTREVISTAS REALIZADAS

ENTREVISTA ANA MARIA REALIZADA NO DIA 05/10/2016

Ronan- Qual o seu nome e me conte a história deste centro espírita.

Ana- Meu nome é Ana Maria Gonzaga Vieira, eu conheci o espiritismo tem mais de 20 anos, 20 anos aproximadamente. Casei e me mudei aqui para o paraíso, na época o transito era mais complicado, o transporte mais complicado. Ai eu comecei na verdade fazendo culto do evangelho no lar aqui na minha casa e aos poucos passou a vir outras pessoas, os vizinhos, então começou a vir um grupo maior, a partir daí, comecei então a pensar na possibilidade de construir um espaço maior para fazer o culto do evangelho. O objetivo do culto do evangelho é sempre estudar o evangelho de Jesus, só que a luz da doutrina espírita, e com o passar do tempo eu comecei também, além da minha vontade, a ter também algumas intuições, sugestões espirituais, que como eu já era espírita há mais tempo eu entendia o que estava acontecendo, a cobrança no sentido que eu sempre recebia de outras casas espíritas que eu frequentei, principalmente o ACEAK que eu frequentei muito tempo, algumas mensagens dizendo, para eu me preparar, porque eu assumir um compromisso mais sério, mas eu nunca imaginava que ia acontecer. Então depois que me casei, vim para aqui, passei um tempo afastada por causa das crianças, tive três filhas em quatro anos, então a coisa complicou um pouquinho, então por isso que surgiu até o evangelho no lar, com mais pessoas participando, que aquilo acabava virando debate, e aí foi surgindo desta forma, aí eu tinha esse espaço aqui do terreno, mais recursos “pacos”, resolvemos fazer uma coisa assim bem simples, um salão, uma salinha, uma sala um pouco maior, para a gente ao invés de receber as pessoas dentro de casa, vamos ter um espaço específico pra isso, e foi desta forma então que nós começamos a trabalhar, sugestões, as intuições que eu fui tendo, as mensagens que eu recebia enquanto estava na outra casa espírita, de que eu deveria me preparar espiritualmente, estudar, conhecer um pouquinho mais a doutrina espírita, para que eu pudesse depois, quando chegasse o momento, assumir alguma coisa mais séria, e foi desta forma então que nasceu o desejo de ter este espaço para estudo, e aí surgiu então a casa espírita, Maria de Nazaré. Inicialmente, ela teve um nome de Casa Espírita Rosa Mística de Nazaré, mas com o passar do tempo eu vi que tava, meio que confundindo com o misticismo, o nome as vezes confundia as pessoas, porque a Rosa Mística de Nazaré é a mesma Nossa Senhora Maria de Nazaré e muitas vezes na igreja é falado Rosa Mística as vezes, dependendo do local ela é chamada de Rosa Mística de Nazaré, aí depois que a gente tava aqui trabalhando, estudando, fazendo palestras, participando das reuniões de estudos, veio a intuição de pôr o nome original, que desde o início eu quis por de Maria de Nazaré. A casa foi inaugurada em maio de 2003, é uma casa pequena, tudo muito simples, é um grupo de trabalhadores,

efetivamente pequeno, mas nós temos pessoas que procuram a casa no sentido de buscar ajuda, então até o nome da casa quando surgiu, foi também sugerido pela espiritualidade, como objetivo que eu tinha para uma casa espírita, que fosse uma coisa simples, mas que atendesse, aquilo que para nós seria mais importante, no meu ponto de vista, no ponto de vista do grupo de pessoas, que também era um grupo de pessoas que pertencia a outras casas espíritas, que estavam dispostas a vir fazer parte desta casa, então foi sugerido pela espiritualidade Pronto Socorro Espiritual Maria de Nazaré, e desta forma a gente vem trabalhando e desta forma permaneceu o nome Pronto Socorro Espiritual Maria de Nazaré.

Ronan- Na ata de fundação quem está junto a você?

Ana- Quando a gente fundou a casa em maio de 2003, eu convidei, depois que organizei mais ou menos o espaço físico, depois a gente foi modificando, o espaço físico era pequeno, tinha que aproveitar ele melhor, mas inicialmente eu convidei algumas pessoas, amigos, conhecidos pra fazer parte do grupo, aí veio a Nina Rosa, o Dr. Expedito Leão, o Luiz Otávio, a Aleci, veio também a Rosarinha, a Cida Jeremias, Sr. Atanor, já veio este grupo que já era espírita juntar-se a esta casa, então nós começamos trabalhando, depois que a gente acabou os cultos do evangelho e passou a ter uma casa espírita, onde as pessoas continuaram vindo a medida das suas necessidades, e o nosso objetivo na casa, maior, desta casa especificamente, é o estudo do evangelho, da doutrina espírita, das reuniões mediúnicas, nós quando começamos nós tínhamos evangelização infantil, com o tempo as crianças foram crescendo e não apareceram outras crianças, a gente acabou ficando sem crianças para participar da escolinha, da evangelização, então foi um departamento que surgiu, que trabalhava aos sábados e que a medida que as crianças cresceram o departamento acabou, não entrou novas crianças. Então a gente trabalha com palestras, duas vezes por mês, hoje acabou ficando na verdade, um sábado, que é o primeiro sábado do mês pra palestras e o terceiro sábado, que seria inicialmente com palestras, hoje ele funciona com o estudo da reforma íntima, que é um estudo bastante interessante, a gente faz debate, procura sempre literaturas que tratam desse assunto, livros da Ermancy Dulfo, que trata muito da reforma íntima sem martírio, a gente vem estudando, debatendo, tem surtido efeito muito positivo. Como trabalho hoje na casa, nós temos reuniões todas segundas e quartas-feiras e aos primeiros e terceiros sábados, segunda-feira estudo da mediunidade no primeiro horário aberto ao público, no segundo horário nós temos reuniões mediúnicas, aí fica só o grupo

que trabalha, é uma reunião fechada, na quarta-feira nós temos no primeiro horário, aberto ao público também, nós temos o estudo das obras básicas de Kardec, o livro dos médiuns, o livro dos espíritos, evangelho segundo o espiritismo, “agencia ao inferno”, então são os livros de Allan Kardec, as obras básicas que a gente faz nas quartas-feiras. No segundo horário da quarta-feira nós temos nos primeiros vinte minutos, a gente tem o passe às 20h30, às 21h começa a segunda reunião que é a fluido terapia, é um trabalho que a gente faz de prece e oração em favor de pessoas que procuram a casa, que deixam nome na nossa caixa de fluido terapia, vários nomes, na primeira parte da segunda reunião de quarta-feira a gente faz a fluido terapia onde todos os médiuns na mesa, a gente lê todos os nomes que as pessoas deixam aqui com a gente, direcionamos em prece, em oração, em favor daquelas pessoas, e quando terminamos essa parte, a gente faz também a reunião mediúnica, encerramos às 22h.

Ronan-Esse trabalho que era realizado com as crianças, me fale mais dele.

Ana- Quando nós começamos em 2003 e tinha as minhas filhas, as sobrinhas da vizinha, umas outras crianças vizinhas do outro lado, que moravam aqui por perto, vez ou outra aparecia uma ou outra criança mas era mais esporádico, vinha e depois sumia, então não chegou a funcionar como uma grande escola de evangelização. A evangelização infantil deve ter durado uns cinco anos, porque a medida que as crianças começaram a crescer, as minhas começaram a ficar mocinhas, cheguei a levar para reuniões infanto-juvenil em outras casas espíritas como o Camilo Chaves, já participaram lá no ACEAK, chegou a participar lá no Irmã Scheila, mas criança mesmo acabou. Porque nós aqui na verdade nós temos, nós estamos meio que pressionados, daqui para baixo nós temos um grupo muito grande de evangélicos, daqui pra cima nós temos um grupo grande de católicos. Então existe ainda hoje, eu atribuo a falta de conhecimento da doutrina, as pessoas tem muito medo do desconhecido e as comunidades, tanto como do Romão, Rua Nova, tanto como do Paraíso daqui para cima, Vila e tal, eles tem muito atividades das igrejas deles de origem, tem catecismo que hoje é catequese, tem atividade da mocidade, infanto-juvenil, grupo evangélico também tem, e eles tem muito medo, como eu trabalho com a escola aqui na comunidade, as crianças chegaram a me questionar “o tia eu queria muito ir naquela escolinha, mas minha mãe não deixa”, e a gente não tinha como interferir, pra nós enquanto a gente trabalhava com essas crianças, a evangelização voltada mesmo para a idade, com músicas, com historinhas, mas sempre dentro da doutrina espírita, sempre

dando o exemplo, sempre dando uma ideia do espiritismo, do prosseguimento da vida, da continuidade da vida, da reencarnação, da lei do amor, do perdão, que as outras talvez trabalha o amor e o perdão, mas com essa visão que nós espíritas consideramos mais ampla, porque a lei do retorno, a lei da causa e efeito, todos mostram isso pra criança, mas de uma maneira muito lúdica, muito voltado pro respeito, pro pedido de desculpas, de todas as vezes que eu erro, eu tentar retratar esse erro, mas de uma maneira mais voltada para a amizade, pro respeito, pra harmonia, pra boa convivência, então a gente trabalhava mais ou menos nesse sentido.

Ronan- Como foi a questão do preconceito? O centro espírita sofreu muito com ele?

Ana- Para ser sincera, o que eu pude observar, um afastamento mesmo, as pessoas me olham, principalmente eu, por estar colado na minha casa, por ser quem abriu, quem fundou, mas hoje menos, bem menos, mas antigamente eu percebia muito nítido um olhar de desconfiança pro local, um olhar de desconfiança pro local, ‘’olha, ela mexe com centro espírita’’, sempre que a gente não entra muito em mérito da religião em si, a gente é sempre muito aberto aos questionamentos, sempre que a pessoa chegou a mim no sentido do questionamento, a gente esclarece, a gente respeita ali, cada um no seu espaço, e nas ações do dia-a-dia a gente se esforça pra toda oportunidade que surgir, você colocar a sua opinião, mas sem transgredir, sem se impor, em nenhum momento desta forma, mas no início a gente percebeu claramente o preconceito meio que generalizado, com relação a situação de ter uma casa espírita no local, ‘’o que será que eles fazem’’, a ideia das pessoas que a gente percebe, que não tem o conhecimento do que é o espiritismo, dito popular que mexe com espírito, mexe com macumba não é coisa de Deus, só que a medida que a gente vai persistindo, a gente foi percebendo que ao longo desse período, as pessoas se acostumaram, as pessoas se referem, dão referência com a casa espírita. Então a gente percebe que já existe uma aceitação maior, com relação a casa espírita e com relação as pessoas que participam, porque hoje a gente tem um público muito itinerante, porque a gente tem estudantes que moram aqui na região, hoje né, porque quando a gente fundou eram poucas moradias, era tudo bem mais complicado né, hoje a gente tem um público muito itinerante, muitos estudantes vem para a universidade, moram aqui no paraíso em algum local, conhece a casa espírita, frequenta, enquanto estão estudando, depois vão embora.

Ronan- Como que o centro espírita lida com essa questão do pessoal itinerante?

Ana- Na verdade o público que trabalha não é muito itinerante não, é o público que mora aqui. Já tivemos trabalhadores aqui que hoje estão em São Paulo, Curitiba, Goiânia, pessoas que passaram, que ficaram com a gente dois, três, quatro cinco anos e foram. A gente vê isso com muita tranquilidade, nosso objetivo aqui é o esclarecimento e a oportunidade do trabalho, existem regras, a pessoa que chega na casa, ela não chega hoje e amanhã é trabalhador, ela chega como um estudante, como uma pessoa que veio para conhecer, quando já conhecem, muitos são espíritas, outros não, vem conhecem aqui junto com a gente, participa dos estudos com a gente, e depois ali de um ano tal, se adaptou, um ano, um ano e meio, começa a trabalhar, mas é muito tranquilo isso, eles vão, continuam se comunicando, pessoas assim de todos os lugares. Nosso objetivo é dar a oportunidade as pessoas, nunca fechar as portas, mas sempre mostrando que tem regras, a pessoa tem que participar, tem que ser assíduo, tem que participar dos estudos mesmo, pra ter o conhecimento, pra só depois passar a fazer parte dos trabalhadores da casa.

Ronan- Como que é a relação do centro espírita Pronto Socorro Espiritual Maria de Nazaré com os demais centros espíritas de Viçosa?

Ana- A gente participa muito de seminários em outras casas, de vez em quando participa de uma palestra, essa relação ela existe, é tranquila, ela é boa, positiva para todo mundo, a gente sempre ta participando, ‘’ ta tendo um seminário lá no Camilo Chaves, quem vai? Quem pode participar?’’, mas não é nada forçado, tudo convite, quem quer participar, as tem pessoas que trabalham aqui e em outras casas espíritas, nós temos trabalhadores aqui que também trabalham no Irmã Scheila, lá na Casa do Caminho, então a gente tem essa troca. Cada casa que a gente percebe não foge da doutrina espírita, do básico, daquilo que é essencial, o trabalho de cada casa, pertence a cada casa, os objetivos de cada casa que ela estabelece. Nós não temos aqui por exemplo um trabalho social, no sentido de oferecer cestas básicas, a questão financeira por exemplo, muita raramente, quando aparece uma necessidade maior a gente reúne, visita a família, vê a necessidade e nós mesmo fazemos, nós vamos nos vizinhos recolhemos, juntamos e completamos, não temos em termos legais como casas que funcionam creche, funciona atendimentos sociais que são diferenciados, que são específicos, a nossa casa espírita existe de fato, legalmente não existe nada digamos assim que a gente faça que exija vamos dizer, que tenha que se registrar em cartório, como no caso de ter uma escola, uma creche, ter funcionários né, que a partir do

momento que você tem essas atividades você precisa de um registro, precisa de ter uma autorização, no nosso caso não temos esse trabalho social.

Ronan- Sobre essa relação com os outros centros espíritas, antes de fundar o Pronto Socorro Espiritual Maria de Nazaré você frequentou outros centros espíritas. De algum deles você tirou alguma, ideia além de sua intuição para fundar o centro espírita Maria de Nazaré?

Ana- Como eu já participava, já conhecia a doutrina espírita e dentro das limitações que a gente tinha, no momento a casa iniciando, o que eu tinha de conhecimento, por exemplo, das outras casas, o que eu podia fazer aqui, olha a gente pode começar com trabalhos mais a nível espiritual, coisas de esclarecimento, de atendimento fraterno, mais nesse sentido, mas são coisas que também tem nas outras casas, o diferencial de quando nós iniciamos aqui era a fluido terapia, que com o passar do tempo, foi vindo as intuições, as sugestões e a gente foi modificando, porque quando nós fundamos a casa, o Dr. Expedito tinha fundado lá no ACEAK esse trabalho de fluido terapia que trabalhava com a caneta como mandala, as pessoas deixavam o nome e a gente usava a caneta, à medida que ia concentrando no nome, as pessoas deixavam os nomes e agente trabalhava nos nomes como se tivesse trabalhando numa mandala, sempre no sentido horário e a gente fazia esse trabalho de mandala sobre os nomes, à medida que ia concentrando e orando pela pessoa, esse é um trabalho que o Dr. Expedito tinha fundado na casa de lá. Funcionou com a gente por um bom tempo, mas com o passar do tempo, foram vindo outras orientações espirituais, de que o grupo devia se preparar para se trabalhar com a mente sem precisar da parte material e nós fizemos um trabalho nesse sentido, com o grupo aqui de trabalhadores, sempre aqui pedindo orientação espiritual, sempre pedindo ajuda a Deus, sempre direcionando no sentido de ter uma orientação do que a gente poderia fazer, já tinha vindo uma mensagem de que o grupo tinha que se preparar, modificar aquele atendimento sem necessitar da caneta e do papel. Aí nós fomos fazendo o trabalho, as reuniões mediúnicas ajudaram bastante, nesse sentido de dar um direcionamento, e começamos a trabalhar a meditação, mentalizar cada nome sem necessitar da caneta mais pra fazer o círculo sobre o nome das pessoas e com o tempo isso foi se firmando e nós parando, continuamos com a fluido terapia, mas sem utilizarmos o sistema de mandalas, esse foi um sistema que veio do ACEAK na época do Dr. Expedito.

Ronan-A casa espírita Pronto Socorro Espiritual Maria de Nazaré já está estabelecida há 13 anos, vocês visam realizar alguma atividade no futuro? Ou do jeito que se encontra é onde vocês queriam chegar?

Ana- Na verdade a gente tem sempre que estar preparado para um pouco mais, mas como objetivo mais voltado para a parte espiritual mesmo, esclarecimento, o trabalho mediúnico, atendimento fraterno, a gente tem mais o foco nessas questões, mas estamos abertos, se houver necessidade, de começar uma demanda de uma outra atividade, nada impede que o grupo se reúna, analise, discuta e vê as possibilidades de implantar outro tipo de atividade. Isso aí é uma questão que está aberta e que pode ou não ocorrer, a gente não avança muito não, a gente vai trabalhando com tranquilidade, com calma, mas deixando sempre aberto para outras possibilidades.

Ronan- O Pronto Socorro Espiritual Maria de Nazaré sempre foi aqui em seu terreno (antes na sua casa), ou houve algum outro lugar onde as atividades foram realizadas? Você doou essa parte de seu terreno para o centro espírita?

Ana- Sempre foi aqui. Exatamente, o acordo que a gente sempre faz, não existe a questão legal, o registro ‘‘ casa espírita tal’’, existe em termos de fato uma casa espírita, é de conhecimento do CRER, é de conhecimento de todas as casas, o que está registrado em ata que nós temos, é que, enquanto este espaço, atender os objetivos propostos, que é ser casa espírita, ele ta doado, pra esta finalidade. O dia que ele deixar, se algum dia deixar de ser casa espírita, ele ta incorporado no terreno da família, enquanto ele atender essa necessidade, ele será doado a casa espírita.

Ronan- Em toda a caminhada do centro espírita, em algum momento vocês enfrentaram problemas de âmbito financeiro?

Ana- Isso aí sempre, sempre enfrenta porque o grupo é muito pequeno, como por exemplo, nosso telhado ainda é de amianto, nós estamos lutando para ainda conseguir mudar isso, mas ainda não conseguimos, porque como o grupo é muito pequeno e as doações é do grupo, de quem participa, nosso grupo, firme, frequente é de 10 pessoas, os outros são mais visitantes, vem e vão, mas não são trabalhadores efetivos, somos nós mesmo que mantemos a casa, tem a doação, nós temos o clube do livro, à medida que tem a manutenção da casa, é a gente mesmo, é o grupo da casa.

Ronan- Em questão de palestras, vocês mais dão palestras, ou vão mais a palestras?

Ana- Vem, de vez em quando a gente convida pessoas de fora que vem aqui, no primeiro sábado de cada mês vem e fazem palestra para a gente, e quando temos a oportunidade, a gente vai em outras casas também assistir.

ENTREVISTA APARECIDA DE LOURDES REALIZADA NO DIA

05/10/2016

Ronan- Qual o seu nome completo e me conte sobre a história do qual você participa e é fundadora.

Cida- Aparecida de Lourdes Jeremias. A Comunidade Tereza Dávila já existe há seis anos, mas um chamamento, ideal espírita já vem há 30 anos. Eu conheci a doutrina espírita lá no ACEAK, passei pelo Irmã Scheila. A história de fundação do Tereza Dávila, um sonho, um ideal, um chamamento, e eu mudei para Nova Viçosa, logo que eu me mudei para Nova Viçosa, e aquele chamamento, aquela vontade, é difícil de a gente definir, de poder fazer alguma coisa, eu trabalhei na ACEAK com Expedito Leão mais de 15 anos, saindo da ACEAK teve a fundação do paraíso, teve a fundação da Casa do Caminho, sempre pensando em alguma coisa, mas nisso eu não morava mais em Nova Viçosa, morava mais aqui no centro, então eu fui pro Caminho de Amor, fiquei lá um bom tempo, em 2007 eu voltei a morar no Nova Viçosa, aí aflorou mesmo aquele chamamento, mesmo que morando no Nova Viçosa era difícil vir no Irmã Scheila, era difícil vir no Caminho de Amor, era difícil vir pra rua, e eu cheguei ao ponto de ficar assim ‘sem lar’, eu ia nas palestras, mas tinha dificuldade, e tinha um grupo. Então assim, aquela coisa de 20 anos começou a aflorar, assim que eu voltei para Nova Viçosa eu procurei a Brenda Santunioni, e conversei com ela, e ela falou: ‘ não Cida, eu quero fazer alguma coisa, um trabalho’, porque o objetivo ali na casa espírita, os estudos doutrinários, os trabalhos espíritas, as atividades sociais, de assistência as pessoas, aí falei ‘ eu quero fazer alguma coisa’, mas quero fazer algo dentro da nossa filosofia, da nossa convicção. Ai tinha uma outra amiga, que agora nem no Brasil está, começamos a conversar, até que o dia que falamos que nós vamos começar e a Brenda ofereceu a casa dela. A primeira intenção era trabalhar com idoso, Nova Viçosa tem muito idoso sozinho, aí fizemos o convite para pessoas que a gente sabia, idosas, chegaram três idosas com dez crianças, na primeira semana, na segunda semana, bom,

então o trabalho é com as crianças. Começamos uma evangelização, daí foi realizado realmente a casa, o nome veio de uma inspiração de uma amiga que não mora em Viçosa, nós trabalhamos muito juntas na ACEAK, a palavra comunidade foi uma intuição, uma inspiração, e aí trabalhou e agora em Novembro vai fazer sete anos. A primeira reunião que nós sentamos, para ver o que nós vamos trabalhar primeiro, foi 10 de novembro de 2009. O imóvel em Nova Viçosa é do Camilo Chaves já tem 30 anos, o Denizar fazia trabalho lá, as pessoas faziam trabalho lá, a última pessoa a fazer trabalho espírita lá foi o Toninho Júlio, mas isso foi mais no período que eu já não estava morando, em 1992 Dr. Expedito com essa coisa de trabalhar em Nova Viçosa, abriu um núcleo nessa mesma casinha do Camilo Chaves, esse núcleo funcionou uns três ou quatro anos, aí foi a época que eu sai de Nova Viçosa e acabou fechando. Mas o Camilo Chaves fazia culto do evangelho lá, eu fui várias vezes, tanto o Denizar, quanto o Toninho Júlio eles faziam culto do evangelho sábado. Aí nós começamos o Tereza Dávila na casa de Brenda, ela trocou de casa, nós passamos a pagar aluguel, e dois anos atrás pagando aluguel, conversando com uma pessoa ou outra, conversamos com Dirceu, Dirceu não, o Denizar, aí ele sugeriu que nós procurássemos o presidente do Camilo Chaves, e eles emprestaram a casa pra gente, estamos na casa há dois anos e tudo indica que agora a casa é nossa de vez.

Ronan- Você diz que a Comunidade Tereza Dávila está instalada lá no Nova Viçosa há 7 anos, na casa de Brenda e depois em quais espaços?

Cida- No anonimato, totalmente no anonimato, aquela coisa pequeninha ali, mas tivemos bons trabalhos com as crianças na casa de Brenda, chegamos no trabalho de evangelização com mais de 20, 25 crianças. Começou na casa de Brenda, mais dois espaços que eram de aluguel, mas dentro de Nova Viçosa, é uma coisa que foi não sei se por comodismo nosso, mas é Nova Viçosa. Na casa de Brenda ficamos pouco mais de uma ano, depois ficamos pagando aluguel e tem dois anos que estamos no imóvel do Camilo Chaves.

Ronan- Como que era o dia-a-dia do centro espírita? Quais trabalhos existem ou existiam?

Cida- Como nós procuramos idosos e apareceram as crianças, então foi preparado um trabalho realmente de evangelização, nós fazíamos esse trabalho numa sexta-feira à tarde, como o objetivo era realmente trabalhar, acolher as pessoas, nós abrimos um

grupo de estudo do evangelho, pra nós estudarmos, mantermos a sintonia da Comunidade Tereza Dávila, até então estudos mais profundos seriam no Camilo Chaves, no Scheila, seria em outra casa, mas foi difícil, não conseguimos. Eu cheguei a participar algum tempo no Camilo Chaves, mas a situação a noite, Nova Viçosa, condução. Então a gente fazia evangelização na sexta-feira, fazia a pós-evangelização, um culto do evangelho em agradecimento, avaliação do trabalho, no domingo à noite a gente se reunia para estudar o livro dos espíritos, o evangelho, uma mensagem que falasse sobre a mediunidade, não propriamente o livro dos médiuns, estudávamos o estudando a mediunidade do Martins Peralva. Isso assim foi um tempão, depois que saímos da casa de Brenda continuou a evangelização, nisso começou as doações, começamos a improvisar um bazar, tinha vendas de algumas coisas, então a gente tinha algumas coisas, inclusive a gente tem, mas ta inativo, aí apareceu pessoas novas, aí começamos a ter um estudo mais aprofundado, mais visando o magnetismo. A gente tava com o grupo, teve estudos e bons trabalhos mediúnicos também.

Ronan- Como que era esse trabalho com as crianças? O centro funcionava que dias quando começou? Como que era realizada a venda desses bazares que você já citou.

Cida- Como era uma coisa muito pequena, então a gente ficava uma hora com as crianças, pegava, fazia prece, conversava, contava história do evangelho, isso era a Solange que preparava mais, então as histórias morais cristãs espíritas, a recreação, desenho, colorir, recortar e lanche. Isso era uma vez por semana, toda sexta-feira. O centro funcionava só nas sextas e domingo quando começou. A gente tinha lá, chegava a pessoa, a gente tinha o horário da evangelização e a gente abria antes pra pessoas da rua mesmo, não tinha aquele movimento de ‘ vamos fazer’, até porque não tinha trabalhador. Aí nós ficamos com essas atividades aí, nós passamos a ter um estudo do livro dos médiuns, do livro dos espíritos na terça-feira e na quarta, e depois houve uma mudança por causa do horário de um ou de outro, aí teve uma festa de Santa Rita, nós estávamos com um grupo muito bom, de pessoas que realmente abraçavam a causa. Então tínhamos esses dois estudos, dois dias de estudo e a evangelização, depois por causa de horário, a evangelização saiu da sexta-feira à noite e veio pro domingo de manhã. Aí quando foi em 2010, na festa de Santa Rita, tem as barracas na praça, aí fomos convidados a montar a barraca na praça, de tapioca, aí fomos na festa de Santa Rita de 2011 pra praça com uma barraca de tapioca e ganhamos o espaço, nós temos o espaço livre, por ser beneficente. Aí na barraca de tapioca começou a cobrança das

peessoas nordestinas de pedindo, pedindo e pedindo, aí a nossa companheira Marinalva nos pegou de surpresa e disse: ‘’ no sábado nós vamos ter Acarajé’’. Daí passamos a ter acarajé já faz dois anos. Então nós temos a barraca hoje para angariar recursos, pra construção, pra dar um jeito de fazer a ampliação de espaço, porque o projeto de trabalho com idoso ele não morreu, projeto de cursos, está esperando espaço adequado e pessoas também.

Ronan- Qual o projeto com o idoso? Como seria esse trabalho?

Cida- Por enquanto ele não está no papel não, tá muito claro na nossa cabeça. Aliás dos fundadores, quem está ali no momento é só eu. Não que a Brenda tenha se afastado, mas as circunstancias de vida dela, acabou ficando restrita. A Solange ela foi embora, o Gabriel se ‘’ enfronhou’’ nas atividades da universidade, hoje ele ajuda a Adriana na Casa do Caminho, aí hoje chegou outras pessoas, que é a Marinalva, o Manoel, o Silvio e pessoas assistidas que acaba nos ajudando. O trabalho com idoso, na nossa cabeça, é aquele sonho, daquele idoso que fica sozinho em casa, ir para a nossa casa. Vai pra lá de manhã, toma seu remédio, brinca, conversa, toma banho e volta pra casa de noite, a tarde, eu tenho muita esperança de fazer ou ver alguém fazendo. Seria como uma creche para idoso. Ou visitando-os, uma equipe para estar com eles por mais tempo, tem muito idoso em Nova Viçosa sozinho, ir trabalhar com eles, para tirar eles do cantinho deles é muito difícil, então tem que ter atrativo. O que pretendemos fazer na questão do idoso é isso. A evangelização, a assistência a gestantes, a assistência as famílias, os cursos, profissionalização, assim a gente vai dando um passinho de cada vez, aí quando a gente fala em fazer algo aí surge uma outra ideia.

Ronan- E sobre a ata de fundação, vocês chegaram a registrar esses seis anos do centro? Quem estava nessa fundação?

Cida- Nós funcionamos um bom tempo no anonimato, juridicamente a Comunidade Tereza Dávila tem um ano e pouco. Da forma como foi feito, na correria, ficou para ser feito depois. Ela (ata de fundação) conta que existia, mas não tem essa história escrita, não tá lá ainda. Foi decidido que depois da segunda reunião de diretoria, da assembleia, registraria a história. Na fundação estávamos eu, Solange Soares, Brenda Santunioni e Gabriel, que na época era de menor, filho da Solange, Vinicius Gabriel Soares. Aí como não se correu atrás de se fazer a documentação rápido, pra poder fazer raiz primeiro e

esperar que o Gabriel ficasse de maior para poder entrar com o nome na diretoria. Dessa turma de fundação, ativa é só eu.

Ronan- E hoje os gestores da Comunidade Tereza Dávila quem são?

Cida- Eu, Marinalva, que é economista doméstica, assistente social, trabalha na policlínica, Silvio Moura e o Manoel Marques.

Ronan- Você morou no Nova Viçosa, saiu e voltou, então você conhecia bem lá, você viu o trabalho das outras casas, porque montou o centro espírita lá?

Cida- Quando eu mudei pra Viçosa não conhecia a doutrina espírita, embora tivesse os processos obsessivos e num desses processos obsessivos é que eu fui parar numa casa espírita e eu morava na Rua da Conceição e a ACEAK era lá na rua Marli Azevedo, então ia lá, me traziam em casa, nisso eu voltei para Nova Viçosa, compramos e construímos no Nova Viçosa e fiquei dez anos, então tinha muita gente assistida de Nova Viçosa na ACEAK, então a gente fazia visita, entregava cesta, pessoal ia lá, então realmente eu conhecia. Agora o chamamento tipo, “tem alguma coisa para fazer”, foi a primeira vez que pisei em Nova Viçosa e não conhecia a doutrina espírita, foi uma coisa tipo assim: “me achei, achei minha casa”.

Ronan- Como que era a aceitação do centro espírita Comunidade Tereza Dávila lá no Nova Viçosa? Teve algum momento mais crítico? Teve também a boa aceitação?

Cida- Na verdade isso é uma situação que a gente enfrenta até hoje, tem pessoas que não passam nem na porta, tem pessoas que só ficam sabendo que é espírita caso pergunte. Já aconteceu da pessoa chegar, conversar, dá pitaco e ir embora sem saber que é uma casa espírita. Já teve pessoa que chegou dizendo que estava passando mal, vamos fazer uma prece, vamos tomar um passe... E quando surgiu a frase “o evangelho segundo o espiritismo” a pessoa foi embora e nunca mais voltou. A questão de aceitação a gente lida com ela. A gente passa por situações que mentalizamos uma prece, mas acaba rindo, porque as pessoas passam, a porta é pra rua, então a pessoa passa na rua e vê a gente lá, já aconteceu da pessoa passar e se benzer. Do lado tem muita igreja evangélica, então já aconteceu da gente tá ali e a pessoa passar e exclamar assim: “o Jesus tenha misericórdia desse povo”, a gente entendia que era prece pra nós. Mas essa questão de aceitação pra nós ainda existe um pouco de resistência. Teve essa pessoa que chegou passando mal, chorou, conversamos e ela tomou passe, ficou

bem e na hora que nós falamos: “ nós fazemos o culto do evangelho, aqui nós somos uma casa espírita, nós estudamos a bíblia sim, mas aqui nós estudamos o evangelho segundo o espiritismo, ela não conseguiu disfarçar o choque que ela tomou e foi embora, nunca mais apareceu, passa na rua, me vê e olha para outro lado. Do preconceito propriamente dito não aconteceu nada de mais grave, mas o desconhecimento das pessoas sim, a ignorância da pessoa. Mesmo dentro da ignorância existe aquela coisa, por exemplo: Brenda é muito respeitada, e começou na casa dela, todo mundo respeita. Depois pros lugares que a gente foi e pagava aluguel, como muita gente me conhecia, não sabia que eu era espírita, mas sabia que eu trabalhava com o Dr. Expedito, tinha um peso muito grande, e estando na casa do Camilo Chaves, na casa do Denizar, então existe nomes que são respeitados e a gente não teve esses problemas ao extremo não. Teve boa aceitação, teve boas surpresas, por exemplo na terça-feira à tarde o projeto hoje eu abro a casa às 14h, com o intuito da casa estar aberta pra quem quiser chegar e depois com o trabalho da barraca, se não tem ninguém para ser atendido, a gente tá ali preparando o material do acarajé, o material da tapioca. Aí entra um, entra outro, acha aquilo ali interessante, pessoas que literalmente precisam da ajuda, da cesta básica, roupa, aí a pessoa chega aí ela ouve, muitas ficam, inclusive nós estamos com uma menina que chegou para ser assistida e é nossa colaboradora nos trabalho da casa e na nossa barraca, recebe uma gratificação mínima lá, mesmo porque ela é assistida, e não é espírita.

Ronan- Me conta como que é esse trabalho da feira?

Cida- Nós preparamos a goma da tapioca a partir da fécula, nós que preparamos, o Silvio, eu e outras meninas e os recheios, a gente que prepara tudo isso nessa semana, aí na sexta-feira à tarde a gente fica por conta disso, de casa fechada, preparando tudo e no sábado de manhã, o Manoel que tem o carro, que tá disponível, vai para Nova Viçosa, traz o material tudo e a gente tem o espaço por ser uma atividade beneficente, tem um espaço livre e o acarajé é a mesma coisa, nós preparamos, por exemplo o feijão é preparado em Nova Viçosa, a Marinalva faz na casa dela e entregamos lá na praça Silviano Brandão, na feira de artesanato, toda semana é essa rotina.

Ronan- Esse trabalho com as tapiocas e o acarajé rendem um bom recurso para a reforma da casa?

Cida- É relativo. Reforma não. Até então na época o presidente do Camilo Chaves era o Alexandre, fez um documento de empréstimo, a nossa preocupação é, precisamos conseguir o nosso espaço, então a intenção era comprar, então hoje já posso afirmar que eles doaram pra gente, aí o objetivo é construir mesmo. Estamos sim reformando a casinha porque construção demora, a gente sabe, embora eu tenha muita convicção que se a gente abraçar realmente, sai mais depressa do que a gente pensa, eu que vi a construção da Casa do Caminho, a Casa do Caminho foi mais de longe, a construção do ACEAK eu vivenciei, então eu tenho convicção que se abraçar a coisa acontece mais rápido.

Ronan- Vocês atualmente estão na casa doada pelo Camilo Chaves. Com esse dinheiro que vão juntando, vocês pretendem estender onde estão? No futuro, a intenção é qual? Quais trabalhos serão feitos?

Cida- O lote é grande, a casa é pequena e o fundo é vago, então dá para construir do fundo para a frente. Espero não demorar, espero que tenha gente para depois que eu for embora. A intenção é ampliar a atividade espírita, ter um salão, ter a evangelização, as salas de evangelização, ter aulas de reforço, alfabetização de adultos, uma outra coisa que já precisava estar acontecendo e não está por falta de espaço, por falta de gente, é uma assistência aos dependentes, que ficam na rua, drogados, bêbados, sujos, sem comer, ter um plantão de sopa, de chuveiro, uma esteira no chão, este também é um projeto.

Ronan- Além das atividades que você já citou, quais são realizadas?

Cida- Nas terças abre a casa com esse objetivo de atendimento fraterno, 16h a gente faz o culto do evangelho e já está sendo planejado fazer um mais cedo, nesse culto quem participa, nós (eu já fiz ele sozinha), mas aquela pessoa que veio para o atendimento fraterno, mais aquela pessoa que veio pedir ajuda, veio pedir uma cesta, veio pedir uma roupa, veio pedir um copo de água, ela participa, então o objetivo maior é o esclarecimento, isso na terça para os assistidos. Aí nós temos o estudo doutrinário na terça-feira de 17h15 às 18h15, na quinta também, das 17h15 às 18h15 nós temos o estudo, porque a ideia de estudar numa casa pronta não deu certo não, então era o que eu mais queria. Mas como a gente tem o trabalho, tem o material, nós estamos lá na casa mais cedo, e costuma chegar alguém pra conversar, pra perguntar que casa é essa, e aos sábados é as barracas.

Ronan- Como que é a relação do centro espírita Comunidade Tereza Dávila com os demais centros espíritas de Viçosa?

Cida- Quem tem mais conhecimento maior e proximidade da casa Tereza Dávila é a Casa do Caminho e o Derly do Irmã Scheila, porque na época, procurando as pessoas para conversar, conversamos muito com o Luiz Claudio, Dr. Expedito já no finzinho, ele sabia do projeto, orientou muito, nos ajudou muito. Então é muito no anonimato, o Viana lá de Coimbra já visitou nossa casa, esteve lá, mas ela continua, não é nossa intenção ficar ali, no individualismo.

Ronan- Vocês costumam frequentar os demais centros espíritas? Pegam alguma das ideias deles para o Tereza Dávila? Tem algum de preferência?

Cida- Eu agora sou obrigada a fala que faço isso. O resto do grupo, lá nas suas atividades, é mais complicado. A ponto de ir para uma outra casa, de assistir uma palestra é mais eu, para os outros é mais complicado, eu sempre gostei de fazer isso. Eu sou assim “eu vou”, a Casa do Caminho eu mantenho mais a relação por causa de ir na semana do aniversário, fora isso é porque se houve a necessidade de alguém, ou uma oportunidade. Camilo Chaves também, de vez em quando eu vou lá no Camilo Chaves ouvir uma palestra. Eu tenho ido no Scheila, porque apareceu uma pessoa que precisava de tratamento, aí fui acompanhar ela na quinta-feira, aí acabei ficando lá também, aproveitei a oportunidade pra me fortalecer, então eu tenho ido as quintas lá no Scheila, e eu vou as vezes também as palestras no domingo à noite.

Ronan- Essa reforma/ampliação que vocês buscam é com maior foco no trabalho interno, ou no trabalho de atendimento fraterno/assistencialismo?

Cida- Estamos aberto também para ampliar os estudos, palestras. Porque quando a gente vê a realidade, parece uma coisa pequena, aí a gente pensa “mas eu vou trazer um palestrante para Nova Viçosa para atender a duas pessoas, então é mais fácil a gente ir lá”, mas existe o objetivo de mudar isso.

Ronan- Existe algum tipo de divulgação do centro espírita?

Cida- Em nível de divulgação não tem pela circunstância talvez, é na base do conhecimento, de já ter ido pessoas lá que as vezes a gente nem esperava foi, porque fulano foi, a barraca divulga muito a doutrina, nossa casa, a nossa casa é longe.

Ronan- Pelo caso do centro espírita ser mais distante, é o motivo de ser menos frequentada?

Cida- O fato de ser Nova Viçosa eu já escutei a seguinte frase: “o Cida eu gosto muito de reunir com você, mas Nova Viçosa?”, então também o desconhecimento da pessoa.

Ronan- Lá na barraca, todos que compram sabem que aquilo é um trabalho beneficente espírita?

Cida- A gente não passa um dia sem dizer, que isso aqui é beneficente, é de uma casa espírita. Recentemente nós tivemos uma professora da universidade que foi dar um curso de artesanato lá pra gente, para as meninas. Agora uma coisa que ta ficando pra trás, que não pode deixar de ser falado a Adriana ta montando um projeto de trabalho com as crianças, tipo o que é feito na Casa do Caminho, pra fazer na nossa casa e pra começar nós temos que correr para melhorar o nosso espaço, para esse trabalho começar em janeiro se Deus quiser. Então ela ta preparando, ta se organizando, ta divulgando com os meninos da universidade, pra esse trabalho começar o mais depressa possível.

Ronan- Como vocês conversam com as pessoas para que “tirem” o preconceito sobre a casa espírita, sobre o espiritismo.

Cida- Quando a pessoa fala qualquer coisa, o nosso papel é mostrar que não existe religião errada e nem ruim, isso fica bem claro pra pessoa. Aí eu uso a questão da doutrina espírita que a religiões vão até a morte, mas que a doutrina espírita continua. Um exemplo é que tem duas semanas que nós estávamos fazendo faxina, preparando o feijão, passou uma senhora no passeio, tinha uma senhora na cozinha a janela aberta e ela viu e perguntou: “que casa é essa daqui?”, aí a senhora que tava me ajudando falou: “a é uma igreja, entra aí”, aí ela me chamou, uma senhora bem posta perguntou “isso aqui é uma igreja?”, aí eu falei que isso aqui é uma casa espírita, aí ela tremeu, “espírito?”, não, é uma casa espírita, você nunca ouviu falar numa casa espírita? “não”, aí eu tentei mostrar pra ela a questão, a doutrina espírita mostra a vida depois da morte e ela mostra que a morte não existe, que nós morremos, continuamos sendo, e mostra que nós não perdemos nosso ente querido que morreu. As vezes quando a pessoa morre sem sintonia com Deus ela fica por aí, a mulher deu um brilho no rosto dela e falou: “oh, então é isso? Eu vejo meu marido todo dia dentro de casa”. Então nessa hora tem que ta ligado na espiritualidade pra receber a intuição pra poder falar, a mulher

virou outra, ele passou e falou: ‘ eu tenho que ir ali mas eu volto para aprender sobre’, ela participou do culto do evangelho. Ai ela disse que comentou com o pastor e ele disse que isso não era bom, aí eu falei que esse era o entendimento dele, o papel dele, agora você tem que pensar com a cabeça, sempre tirar as suas conclusões, se eu falar com você que seu marido não existe mais vou te convencer? Você não vê ele? ‘ vejo’.

Quando cai na minha mão para ser atendido, tento mostrar esse lado.

Ronan- Qualquer pessoa que queira passar no Tereza Dávila para tirar sua dúvida, mesmo que vocês estejam ocupados, podem passar?

Cida- Mesmo que estiver fazendo alguma coisa eu paro o feijão, paro o que for, dependendo da pessoa, se for uma pessoa conhecida eu falo ‘ senta aí que nós vamos conversar’ e continuo a fazer as coisas. O objetivo é esclarecer, sem omitir, sem mentir, sem mistificar.

Ronan- Vocês sempre mantêm claro, sem medo que trabalham com centro espírita?

Cida- Sempre com naturalidade. A gente aquela intuição, aquela orientação de falar com o coração da pessoa.

ENTREVISTA DIRCEU COELHO REALIZADA NO DIA 12/08/2016

Ronan- Queria que você me contasse dessa origens, dos fundadores, quem é, qual a história do espiritismo em viçosa.

Dirceu- A década de 50 não existia espiritismo em viçosa, existia um industrial sergipano casado com uma viçosense, ele era espírita. Ele vinha nas férias de fim de ano, ele normalmente fazia uma palestra, mas não tinha centro espírita, não tinha espiritismo aqui. O Francisco, o chico, mas na década de 50 a Adélia Maffia, que era de uma família tradicional aqui de viçosa, ela conheceu um estudante da universidade, que no futuro inclusive se tornou um grande cientista brasileiro, elpidio amante que ele chamava, já morreu há uns 5 ou 6 anos, mas ela e elpidio começou a estudar espiritismo aqui, e por isso ela se tornou espírita, ela não era espírita, a família tradicionalmente católica, todo mundo católico. Aliás quando eu cheguei em viçosa, eu cheguei em 61, não existia ambiente pra você ser espírita não, só tinha católico aqui, tinha uma meia dúzia de evangélicos e uma outra meia dúzia de simpatizantes com o espiritismo. Então eu conheci uma pessoa lá em Barbacena onde eu estudava, que me deu. Dirigi pra falar

com esse grupo que tinha aqui, esse grupo era 10, estourando 12 pessoas que se reunia lá na estação ferroviária, que o agente da estação o Sr. Agostinho era espírita então ele formou um grupo de estudo lá, então semanalmente tinha um encontro desse pessoal na estação ferroviária. Só que em outubro de 61, que foi o ano que eu cheguei aqui, que eu pertencia a esse grupo, em outubro de 61 o Sr. Agostinho foi transferido daqui para ponte nova, então o que aconteceu... Nós tivemos que sair da estação, porque ele que era o chefe, e fomos para a casa da Adélia maffia, aqui hoje na rua 'padre serafim, que a gente chamava rua do cruzeiro, a gente se reunia no fundo da casa, tinha um quatinho, que a gente se reunia lá, o banco era tijolo empilhado e uma tábua, a gente sentava lá pra estudar. Só que chegou em 62, o grupo tinha aumentado muito, basicamente era tudo estudante da universidade, naquele tempo era universidade rural do estado de minas gerais, a uremg. Nós então reunimos duas vezes por semana, mas ficou inviável, porque lá era um cubículo de 2x2m, aí nós decidimos criar o centro espírita aqui em viçosa. E que foi a primeira casa espírita aqui em viçosa, que é o centro espírita Camilo Chaves.

Ronan- Isso aconteceu quando?

Dirceu- em 62

Ronan- A criação do Camilo chaves?

Dirceu- Dia 8 de setembro nós fundamos o Camilo chaves.

Ronan- E qual foi, além dessa falta de espaço, houve outra motivação suas para a criação desse primeiro centro espírita de viçosa?

Dirceu- é porque lá era a casa da Adélia, no quintal, lá no fundo, aliás a gente até brigava com as galinhas, botava as galinhas pra fora pra poder entra, não tinha condições. Foi por isso que nós resolvemos e compramos uma casa antiga na rua gomes barbosa, onde hoje está o centro espírita Camilo chaves, mas era uma casa de morada onde nós compramos.

Ronan- O que está na ata de fundação, quem são os fundadores do Camilo chaves?

Dirceu- Aqui em Viçosa nós somos dois, o Mauro Rezende e Eu, agora existe o Edson lemos, que mora em Goiás, eu não sei de outros não, nós éramos 12 pessoas que assinaram a ata, mas eu não sei dos outros não.

Ronan- Você já chegou até citar no início do espiritismo em viçosa, viçosa é uma cidade tradicionalmente católica, até mesmo pela fundação ser de um bispo que veio pra viçosa, o Dom Viçoso, como que foi participa do movimento espirita naquela época, uma cidade tradicionalmente católica, como era aceitação, como foi implantar o movimento aqui em viçosa?

Dirceu- A sorte nossa é que a Adélia maffia trabalhava na secretaria de saúde de mg, no posto de saúde, trabalhava com o doutor Jorge. O doutor Jorge trabalhava com tuberculosos, naquele tempo o tratamento de tuberculose era horrível, tinha que tomar injeção todo dia, e a Adélia era responsável por isso. Então chegava final de semana, no sábado e domingo, ela ia nas casas dessas pessoas que precisavam de tomar a injeção, e o posto estava fechado, e a gente sabia que a maior parte do troço de tuberculose era falta de comida, porque apesar de quase todo mundo depender da universidade, a universidade pagava muito mal, eu cheguei a passar nove meses sem receber salário aqui na universidade. Então o que a gente fazia, a gente ia nas casas dessas pessoas além da injeção, levava comida, levava cesta, era pouquinho coisa, mas já era alguma coisa pra eles comer. E isso eu acho que abrandou muito a visão do pessoal de viçosa, porque quando se fala em espiritismo, a maior parte do pessoal mal informado acha que espiritismo é você conversar com quem já morreu. E não é, isso aí acontece, eu converso toda semana, mas em ambiente próprio, com condições próprias, além disso não é o objetivo principal de uma casa espirita, o objetivo principal de uma casa espirita é trazer educação pra nós, educação num aspecto global.

Ronan- Você citou a ação da Adélia que facilitou aceitação do espiritismo, mas se não fosse esse trabalho da Adélia, você acha que talvez a aceitação seria mais difícil na cidade?

Dirceu- Eu acho.

Ronan- Tinha preconceito? Como era?

Dirceu- Como tinha... tinha gente que não passava no passeio aqui do centro, vinha do lado de cá atravessava pro outro lado, passava em frente ao centro pra voltar pro lado de cá, ainda tem gente que faz isso hoje.

Ronan- Naquela época, fora essa ação de atravessar passeio, vocês chegaram a sofrer algum tipo de preconceito naquela época, chegou a algum tipo de manifestação verbal?

Dirceu- Não, nunca teve não. Porque a gente nunca se preocupou com esse intercâmbio com os espíritos. Nós fomos ter o intercâmbio com os espíritos muitos anos depois da fundação do centro, porque nossa preocupação era ajudar as pessoas, era instruir os membros do grupo, esse era o objetivo nosso.

Ronan- No caso do centro espíritos você mesmo fala, muita gente pensa que a principal atividade é conversar com quem já partiu dessa. Essas outras atividades, quais são essas outras atividades?

Dirceu- Aqui temos, por exemplo, alimentos. A gente dá uma cesta básica para 40 famílias todas semanas, e tem família que está precisando mesmo, falam que acabou a miséria, acabou nada, tem muita. Mamadeira, nós criamos em 66,67, não me lembro bem, nós criamos um lactário, a gente a mamadeira pronta para a família, hoje a gente dá uma mistura láctea que a gente prepara, meu irmão trabalhava com tecnologia de alimentos, então ele fez uma fórmula que nós preparamos até hoje.

Ronan- Qual nome do seu irmão, nome completo?

Dirceu- Gilson Teixeira Coelho. Então a gente dá uma mamadeira pra crianças de 6 meses a 2 anos, quando a família não tem comida, antes de 6 meses a gente não dá, a gente estimula a mãe a dar no peito, depois dos 2 anos ele já pode comer comida então a gente não dá mais mamadeira. Tem a cesta básica, se for preciso a gente dá a cesta básica. Enxoval de recém-nascido, a mãe vai ganhar neném, não tem nada, a gente faz quatro reuniões com ela antes do parto, fala de higiene, sobre os cuidados que tem que ter com a criança e no último dia a gente dá um enxoval, uma banheira, coisas dessa natureza. A gente ganha muitas coisas, roupa por exemplo, a pessoa deixa roupa aqui, as pessoas vem cá, pegam as roupas usadas, mas ainda boa a roupa, a gente tem quinhentas e tantas famílias cadastradas. A gente tem a livraria e a biblioteca, a livraria pra venda e a biblioteca pra venda lá em cima pra empréstimo de livros, aqui tem mais de 1500 títulos ou mais títulos diferentes, o cara não estuda porque não quer.

Ronan- Você falou do banco de leite que começou em 66,67. A campanha do quilo começou quando?

Dirceu- 28 de agosto de 1966, acertei a data, porque eu sei que é 28 de agosto, é o dia do meu aniversário. E 66 o ano em que casei, foi o dia em que fizemos a primeira campanha do quilo. Deu 18 quilos que coletamos, só entre nós, esses 18 kg nós repartimos com duas famílias. Só que um vizinho meu ficava sabendo “ a eu quero doar”, um colega de departamento ficou sabendo “ a eu também quero doar”, hoje a gente coleta por volta de 300 kg por semana.

Ronan- E como que funciona essa campanha do quilo?

Dirceu- A nossa aqui é diferente de outras cidades. Porque nas outras cidades o movimento espirita faz o seguinte: Elege uma rua, pega os voluntários para fazer o trabalho, pega o início da rua e vai até o fim da rua de casa em casa, bate na porta e pede, vai na porta, vai na outra, pede, ganha. A nossa não, a nossa como era um ambiente difícil. Nós resolvemos pegar sempre na mesmas casas. Foi em 66, nós estamos em 2016, isso dá 50 anos, tem 50 anos que tem família que doa até hoje desde o primeiro dia. Nós sempre pegamos nas mesmas famílias, nas mesmas casas, quando a pessoa desiste a gente para, a gente não vai lá mais. Mas nós dividimos a cidade em 6, 7 setores, eu não to bem certo... e cada um ficou responsável por coletar em cada setor, meu setor vem de silvestre até aqui (centro), antigamente vinha até a vila Giannetti, depois eu passei a vila Giannetti para outra pessoa, cada um é responsável por um setor.

Ronan- Após essa coleta como é feita a distribuição pra família? Como é feito o cadastro, a classificação?

Dirceu- Quando a pessoa precisa, ela vem aqui e pede ora ganhar, ai a gente pega e anota tudo direitinho e no domingo vai alguém lá na casa dela pra checar tudo. A gente leva uma ficha, nós chamamos de sindicância, mas não é bem uma sindicância, a gente vai lá pra poder checar, e analisa se vai atender ou não, tendo vaga a gente atende, não tendo, tem que esperar vai fazer o que. A pessoa quando ela é aceita pra ganhar a doação ela vai receber essa doação, antigamente era 4 meses que era pra ver se ela ia dar uma melhorada, mas o ambiente ta tão ruim, não tem emprego, não tem serviço, não tem nada, ta uma situação difícilíssima. Então vamos supor que ele fica aqui 4 meses, todo sábado ele vem aqui e pega a doação dele. A gente prepara uma cesta básica dentro de uma prateleira como essa, uma lata dessa é para uma família, nós aqui temos a prateleira em três cores, vermelho, amarelo e verde. Verde as vezes é só o marido e a mulher, ou as vezes é só a mulher, ou o marido, só uma pessoa ou duas, precisa menos, o amarelo

já é uma família um pouquinho maior e a vermelha é para situação brava. Então a gente dá pra cada um de acordo com a classificação, essa família vem aqui e pega isso no sábado, leva um saco daqueles lá, tem até a cor, vermelho, verde e amarelo, então a pessoa já pega e leva pra casa no sábado seguinte volta, traz o saco lavado, e pega um outro limpo e vai embora.

Ronan- Essa família, igual você falou, tem um período para não ser alguma coisa de dependência, pra servir de muleta. Depois disso a família pode voltar?

Dirceu- Isso, é só uma ajuda. Pode, o que vai fazer, só que ela vai entrar na fila.

Ronan- Já aconteceu de beneficiários da campanha do quilo virarem doadores da campanha do quilo?

Dirceu- Muito raramente já, já tive um caso, mas nem sei quanto tempo durou, não me lembro.

Ronan- Tem o reconhecimento dessas pessoas, elas reconhecem o trabalho que é feito por vocês, a ajuda que é dada por vocês? Encontra na rua? Conhece de longe, já sabe, acabam indicando?

Dirceu- Eles conhecem a gente sim. E aí a gente vai ver se vai atender ou não.

Ronan- Como que era no isso, até hoje ainda tem gente que tem preconceito com o Camilo chaves, como que era no início você tentar ajudar a pessoa, já aconteceu de a pessoa rejeitar a ajuda por ser um centro espírita?

Dirceu- Eu não me lembro não, pelo seguinte, normalmente a gente atende quem vem aqui pedir, então a pessoa vem aqui pedir já sabendo de tudo, a gente não vai lá e oferece pra fazer não.

Ronan- Em viçosa além do Camilo chaves, você teria o número de quantos centros espíritas? Você sabe quantos centros espíritas?

Dirceu- Mias cinco, na verdade acho que são mais seis. Tem o caminho de amor que fica no Bom Jesus, tem o Maria de Nazaré que fica lá no paraíso, tem o Sheila que fica lá no cantinho do céu, tem o Allan Kardec, o ACEAK que fica na dona Gertrudes, tem um em nova viçosa que chama Isabel, eu acho que é, Santa Isabel. Já falei cinco e o Camilo chaves seis. Tem mais um centro, chama Francisco Cândido Xavier, que é lá no alto santa clara, junto com a casa do caminho, funciona lá.

Ronan- E como é a interação entre esses centros espiritas, existe algum tipo de interação? Ou cada um faz o seu trabalho? Os centros espiritas de alguma forma estão interligados?

Dirceu- O espiritismo apesar de não ser uma religião organizada como o catolicismo, que tem um papa, tem um bispo... o espiritismo não tem. Tem um iniciozinho de organização. Nós temos o que chamamos de aliança municipal espirita, aliança municipal espirita congrega todas as casa espiritas daquela cidade. As alianças municipais espiritas se congregam formando o conselho regional espirita, nós aqui de viçosa pertencemos ao zona da mata norte, o conselho regional espirita e os conselhos regionais espiritas de mina gerais formam a união espirita mineira, as estaduais forma a federação espirita brasileira que é a FEB.

Ronan- Aqui em viçosa tem algum tipo de trabalho com juventude? Com os jovens?

Dirceu- Quase todas as casas tem, a nossa funciona domingo à noite. Eles se reúnem, cantam estudam, é muito agradável a reunião deles.

Ronan- Tem algum dos mais velhos que coordenam essa reunião?

Dirceu- Sempre tem alguém da casa espirita que é responsável.

Ronan- São os jovens espiritas ou não?

Dirceu- Pode vir quem quiser, mas normalmente são os jovens espiritas.

Ronan- Há algum tipo de trabalho com livros, vocês fazem algum estudo?

Dirceu- Terça e sexta aqui no Camilo chaves. Nós temos tanto a terça quanto na sexta além da palestra publica, simultaneamente nós temos três grupos de estudo, na terça são sobre determinado assuntos, na sexta sobre outros.

Ronan- Vocês além do centro espirita Camilo chaves, fazem palestra aberta, ou fazem palestras fora do centro?

Dirceu- Às vezes, não é muito comum, as vezes faz, porque hoje tem as casas espiritas, antigamente não, antigamente nós fazíamos no clube do atlético na av. ph Rolfs, na liga operaria, quantas palestra fizemos na liga operaria, muitas, na rua Virgílio val.

Ronan- Essas palestras mais públicas em outros espaços aconteceu em que período?

Dirceu- Década de 60, bem no iníciozinho da década.

Ronan- As reuniões internas, dos frequentadores do Camilo Chaves, como que é feita essas reuniões? Elas acontecem que dia? É todos os dias?

Dirceu- Terças e sextas tem reunião pública que é a palestra e simultaneamente tem os grupos de estudos que é aberta pra quem quiser participar. Agora nós temos reuniões privativas, por exemplo, reuniões mediúnicas, aquela de intercâmbio com o mundo espiritual, é reunião fechada, só o pessoal que é espírita mesmo, que estudou, que participa, então esses são convidados a participar, mas tem que receber o convite.

Ronan- Você já veio de uma família espírita?

Dirceu- Sim.

Ronan- Como foi chegar numa cidade que não tinha um movimento espírita instalado, mas vários gatos pingados, como que foi chegar pra você? Não ter um centro espírita, não ter onde realizar os seus estudos?

Dirceu- Não foi muito surpresa não, porque eu era muito jovem quando eu vim pra cá, a cidade onde eu morava, uma cidade pequena, perto de Lavras, eu sou de Lavras mas morava perto de Lavras, também não existia centro espírita, aliás existia duas famílias que não eram católicas, que era a do meu pai e a de um açougueiro que era evangélico. As duas únicas famílias que não eram católicas, então Viçosa não foi surpresa pra mim não, e eu vim de Barbacena, eu estudava lá, eu frequentava um grupo espírita lá, não teve trauma.

Ronan- E quando você chegou em Viçosa, que você conheceu o pessoal que você já citou, e que começou a reunir, você já tinha ideia de quando chegou em Viçosa, um sonho na verdade, as vezes de ter um centro espírita em Viçosa?

Dirceu- Não, isso aconteceu naturalmente.

ENTREVISTA JOÃO BATISTA REALIZADA NO DIA 24/09/2016

Ronan- Qual seu nome completo? E explica a diferença entre a Casa do Caminho e o Centro Espírita Chico Xavier.

João- João Batista da Costa, sou um dos fundadores da casa e atualmente eu to exercendo o cargo de presidente da instituição. A casa de recuperação de dependente químico, e dentro dela um dos departamentos é o centro espírita chico Xavier. A casa foi fundada por um grupo espírita, o tratamento com essas pessoas não tem vinculação a nenhum tipo de religião, que a gente recebe pessoas de todas as religiões, inclusive a própria proposta da casa fala pra gente não direcionar ninguém para a doutrina espírita, religião cada um vai ter a sua e cada pessoa vai se adaptar melhor a uma ou outra religião, então a gente usa aquela frase do Dalai Lama: ‘A melhor religião é aquela que te faz melhor’, não importa se é espírita, protestante, católico, seja o que for. Então o centro espírita é apenas um departamento da casa do caminho, pra gente saber que não é o centro espírita que interna as pessoas aqui. A casa do caminho é a sede do centro espírita, muita gente considera como se fosse uma casa espírita que hospeda as pessoas. Não, é uma casa de recuperação que tem um centro espírita.

Ronan- Você poderia me contar como foi a criação do centro espírita chico Xavier que é a casa do caminho, a origem, quais eram os fundadores?

João- É o seguinte, a gente era um grupo que frequentava uma outra casa espírita daqui que chamava ACEAK, sediada lá na rua dona Gertrudes, no centro da cidade. Esse grupo, que trabalhava nessa casa, começou um trabalho de visitas as comunidades carentes, como sempre acontece nas casas espíritas, e o nosso grupo principal era no Carlos Dias, o popular rebenta rabicho, ali na subida das rua dos passos. Então a gente visitava esse lugar todos os sábados e todos os domingos de manhã, várias famílias, e a gente lidava com muita gente que passava com aquele problema da dependência química, naquela época muito mais de álcool, do que de drogas. Entao o que se fez, o que se pensou, o Luiz Claudio que era coordenador desse grupo, ele pensou nessa possibilidade de criar uma casa, para manter as pessoas internas por um tempo, porque, a gente ia atendia uma pessoa de manhã, ai você pegava um cara caído lá, levava pra casa, dava um café, arrumava uma roupa pra vestir se ele precisasse, e ia embora. Quando chegava a noite você passava na rua e encontrava o mesmo cara caído denovo, ai surgiu essa ideia, porque não pensar na possibilidade de um local, onde essas pessoas pudessem ter uma possibilidade de uma internação, de uma recuperação, de uma desintoxicação e pudesse depois dar continuidade a sua vida, porque pra quem ta sozinho na rua, numa situação dessa, a própria abstinência já não permite você ta solto lá, você ta com vontade, você vai lá e bebe, você fica com vontade vai lá e usa, ai o que

ele pensou, vamos tentar, e a gente sabe que pelo lado espírita a gente, ele teve essa ideia, e logo em seguida quando a gente tem a ideia de fazer alguma coisa desse sentido os anjos dizem amém, aí o orientador espiritual falou pra ele se realmente é isso que vocês querem a gente vai ajudar. Então, ele conseguiu, ganhou um terreno e gente conseguiu um projeto que foi um arquiteto da universidade que fez foi o Tulio, e aí um grupo, que era um grupo de umas 15, 20 pessoas, deve ser o que tem na ata de fundação, hoje da fundação propriamente só tem eu e o Gladson que voltou agora, mas era um grupo de 15 pessoas, 20 pessoas no máximo e a gente começou a fazer um trabalho, um movimento pra começar a construção dessa casa aqui. Parecia um projeto de doido, porque a gente não tinha dinheiro nem para transferir o terreno, o terreno custava 150 reais para transferir, 100 reais, 50 reais, não me lembro o valor exato e a gente nem tinha esse dinheiro. Aí ganhamos o dinheiro, o terreno, o projeto, aí já tínhamos três coisas, já tinha a possibilidade de começar, já tinha o grupo, e a gente começou a fazer o movimento pra angariar material de construção e recursos para a construção, aí isso foi um trabalho que quando as pessoas chegava aqui achava que era impossível a gente construir, como que você vai construir uma casa desse tamanho, quanto você tem de dinheiro? Nada. Mas é assim, hoje eu preciso de 1200 reais pra comprar ferragens para fazer os primeiros buracos ali onde é o salão hoje, aí você juntava. A o fulano deu 600 reais, uma pessoa doou 600 reais a gente já tem a metade, aí campanhinhas pequenas conseguia aquele pequeno recurso, começa a fazer aí, a prefeitura doou um pedreiro e um servente, um colaboradores tipo Professor Dirceu pagava um servente por mês, outra pessoa que nos ajudou na época dava um valor que nos ajudava a contratar mais um pedreiro e a gente começou a fazer movimentos de jantar, de teatro, eventos dessa natureza que pudesse trazer algum recurso e os amigos que a gente foi juntando, o Luiz Claudio, que tinha um conhecimento na universidade relacionou um conjunto de amigos que a gente podia ir atrás, correr, eu fui atrás dos que eu conhecia, professores da universidade, amigos particulares e tudo com esse pessoal de construção e as coisas foram chegando, por exemplo, você fazia um teatro, pedia um patrocínio, aí o menino falava assim com você: ‘ ‘ a eu posso conseguir pra você um caminhão de tijolo ‘ ‘ aí o marquinho da construtora âncora, o zé chequer ele deu na época um caminhão de 5000 tijolos, assim a casa começou a ser construída, nunca tivemos dinheiro suficiente, chegava no fim do mês, era igual é hoje, como vou pagar as despesas? Não sei. Mas o que eu sei é que o Luiz falou assim, o projeto é inaugurar essa casa no ano que vem, em abril do ano que vem, a gente começou a obra, tinha começado a fundação em junho,

2001, em junho a gente começou a fazer o primeiro buraco e em abril do ano seguinte ele tava propondo da gente inaugurar. Quando a gente olhava, eu mesmo que era uma pessoa que tava acreditando, falava que era doideira ano que vem a gente ta inaugurando isso, mas a gente já sabe o tempo que demora a construção, mas com um ano esse bloco aqui tava pronto, ai a gente conseguiu inaugurar e usando improvisadamente a parte aqui como dormitório, essas salinhas que a gente tem aqui, uma pequeninha ali ficou sendo cozinha, esse lugar aqui era um quartinho, lá dentro do salão tem um comodozinho que a gente usava como sala de passe que era o escritório, tinha uma mesinha mínima que era pra conversar com o interno, um candidato a internação na questão, e assim foi esse começo, o grupo todo muito envolvido, se partiu do princípio de se trabalhar muito com o trabalho voluntario, quando inaugurou a gente tinha um monitor que ficava aqui pra gente, que ficava na parte do dia, o resto trabalhava com voluntários, fim de semana a gente mesmo dormia, pra dar folga pro menino, Luiz dormia, eu dormia, a gente dividia o trabalho, que na época era solteiro, que não tinha problema dormia, uns meninos que eram estudantes da universidade, que já foram embora ficava, a gente manteve dessa forma. E o restante da construção foi do mesmo jeito, a gente nesse trabalho de formiguinha, ai a gente viu o quanto é possível, se você for acompanhar os balanços anuais da casa do caminho a gente nunca teve recurso, a não ser no final quando a gente ganhou um sitiozinho lá em Canaã, que a gente até pensou em fazer um trabalho lá e fizemos durante um tempo, mas era uma estrutura que demandava muito custo e não tinha o jeito de a gente manter lá e aqui, era mais interessante que fosse aqui, a gente acabou vendendo e foi a época que tava construindo o último bloco lá atrás, a gente já tinha construído a parte de baixo que era o refeitório, faltava o andar de cima, mais aquele salão de reuniões lá, lavanderia e os muros que a gente fez. Ai era um lugar pequeno que a gente acabou vendendo por cento e poucos mil reais e foi o recurso que teve para terminar essa parte, foi a época que a gente não pediu tanto e foi um período que manteve a casa, que tava meio difícil financeiramente, o que sobrou disso deu pra manter, fazer a manutenção da casa.

Ronan- A finalização das obras na estrutura que se encontra foi em qual ano?

João- 2005, 2006, a gente já tava mais no final, mas eu não sei com exatidão, mas eu sei que foi em 2005 porque em 2004 a gente estava lá na fazenda, no sitiozinho lá, que a gente ficou dois anos, de 2004 a 2005, depois desse período a gente vendeu lá e ai que terminou aqui.

Ronan- Você fala que esse grupo participava da ACEAK ali na dona Gertrudes, o intuito de ter fundado um novo centro espírita, além do trabalho foi qual? Porque vocês fundaram um centro espírita e não ficaram vinculados com o ACEAK e aqui virou um novo centro espírita?

João- Porque em primeiro lugar que o trabalho aqui ia ser um trabalho de 24 horas, a gente ia que tá presente aqui durante todo o tempo, a gente trabalha com um grupo normalmente pequeno, já ficaria normalmente difícil a gente manter a ligação com essa outra casa e desenvolver esse trabalho aqui, num local diferente, como existe a necessidade, esse bairro aqui em cima não tinha uma casa espírita, as casas espíritas em geral elas tem uma demanda diferente, até pelo tipo de assistência que você vai dar e acaba se diferenciando, um trabalha com uma creche, outro trabalha com dependência química, outra trabalha com outro tipo de assistência como o Camilo Chaves, cada um tem um foco, aí é até bom que isso seja separado, não dá para juntar isso numa coisa só.

Ronan- A casa do caminho (centro espírita Chico Xavier) teve algum tipo de dificuldade para ser aceito, para o trabalho ser aceito, teve algum tipo de preconceito para o trabalho exercido pela casa do caminho no início até hoje?

João- Isso sempre tem, inclusive algum preconceito na questão da doação de recurso para a construção de uma casa dessa natureza, não propriamente por ser espírita, mas por atender dependente químico, porque a visão que as pessoas tem de dependente químico as vezes, muitas pessoas tem, é que são uns malandros, vagabundos, que estão naquela situação porque querem. A falta de conhecimento que se tem para entender que aquilo se trata de uma doença, então tem pessoas muito boas, que a gente sabe que são pessoas muito boas, que ajudam muitas causas, mas que na época foram claras, que para esse tipo de finalidade eu prefiro não ajudar, por conta disso, por causa desse preconceito com a questão da dependência química, tinha nada a ver com a doutrina espírita, o preconceito com a doutrina espírita ainda existe, lógico que agora com muito menos intensidade do que era na época dos centros espíritas mais antigos aqui, mas existe, porque, falta de conhecimento na verdade.

Ronan- Quería saber se vocês tem só as atividades ecumênicas ou se aqui no Chico Xavier/cassa do caminho, se aqui vocês fazem o trabalho mais espírita, falar sobre todos os trabalhos que vocês tem aqui.

João- Na casa do caminho a gente procura fazer um trabalho que abrange, no tratamento de um dependente por exemplo, que abrange o conjunto, a gente por ser espírita a gente sabe que a pessoa tem a influencição física na vida material dele e a espiritual também, então no casa específico dos internos a gente trabalha esses dois lados, primeiro mostrar pra eles, que eles são corpo e espírito e que você tem influências tanto daqui do mundo, com pessoas que podem te levar para esse caminho, como você tem as influências espirituais, quem morre dependente continua dependente, pessoas que morreram dependentes estão na cola dos dependentes aqui para eles continuarem usando seu álcool, sua droga, que é o que na prática acontece, o evangelho fala né, nós estamos cercados por uma nuvem de testemunhas, Paulo fala, a gente tá cercado por uma nuvem de testemunhas, que são os espíritos que nos acompanham nas nossas vidas, então eles também podem ser ajudados, e é o que se procura fazer. Então aqui quando a pessoa chega ela pode vir, além dela fisicamente, da família que pode trazer ou dela vir sozinha, ele vem acompanhado num conjunto de espíritos que também estão nessa necessidade, que também vão ser tratados aqui, então a gente tem o atendimento deles, individualmente a gente conversa com eles, procura mostrar essa questão toda tem o trabalho mediúnico, a gente naturalmente por eles estarem internados aqui, é possível vir algum espírito ligado a eles numa reunião mediúnica, que a gente pode conversar e dar uma assistência, tem o trabalho que a gente faz com a família, que é uma reunião que tá acontecendo agora às 11h (sábado 24/09), que a gente convida os familiares para eles virem entender a situação do interno, pra ele poder ajudar melhor quando ele sair daqui, então a gente procura fazer esse conjunto de informações, pra quando ele sair, eles estarem mais preparados, que a desintoxicação física ela acontece com bastante rapidez né, a gente recebe pessoa completamente debilitada aqui e quando fazem os dois meses que eles estão aqui, eles estão fisicamente tranquilos, perfeitos, e espiritualmente com uma porção de ferramentas para trabalhar essa questão lá fora, então a gente tem esse cuidado de envolver todas essas questões, que são necessárias. Quando a pessoa descobre que a vida continua, que ele tem essa visão de que o desespero dele hoje não vai acabar quando ele acabar com a vida se ele não conseguir trabalhar pra resolver isso aqui, ele vai mudar de comportamento, o que a gente fala muito com eles é isso, que o trabalho envolve uma mudança de conduta, vim com essa situação de dependência, de dificuldade, de tudo, não tô fazendo nada pra sair dela, eu vou continuar, se eu mudo a minha conduta, eu posso fazer completamente diferente daqui pra frente. Ao longo do dia que eles estão aqui a gente tem quatro atividades, que a gente chama atividades

espirituais, a gente chega de manhã e faz com eles uma frase, então a gente pega uma frase, por exemplo, uma frase de Jesus: “ Buscai a verdade e ela vos libertará”, ao longo do dia, de manhã você fala meia hora, 40 minutos sobre essa frase, pode ser outras “hoje é o dia mais importante de sua vida”, “aquele que conquistou a si mesmo é muito maior do que aquele que conquistou mil homens, mil vezes”, frases que a gente tem de filósofos, de pessoas importantes que passaram pelo mundo que deixaram ensinamentos, a gente procura mostrar pra eles, muitas delas são do evangelho que a gente procura despertar neles essa necessidade de transformação aí a gente trabalha essa frase de manhã, depois às 11h a gente tem mais uma reunião com eles onde a gente reforça essa frase do dia, como mensagem que a gente tem de uma leitura de um livro, pode ser um desses livros da doutrina que a gente tem pode ser um caminho, verdade e vida, fonte viva, ou outros eu a gente tem e que a gente discute sobre uma determinada passagem, uma leitura, depois tem uma música pra eles refletirem sobre o que essa música tem de mensagem que serve pra vida deles, então cada um vai falar o que aquela frase tá falando pra ele. À tarde tem outra atividade às quatro horas de parábola, que a gente conta uma história, que pode ser várias, tem vários livros que tem histórias que a gente pode contar com um fundo moral que seja, tem o livro das virtudes, as mais belas histórias, tem muitos livros que tem histórias interessantes que a gente vai contando pra eles, e discutindo e despertando pra eles essa necessidade, das quantidades de coisas que eles tem para trabalhar, tem horas que você tem que falar pra eles de superação, por exemplo, a quantidade de pessoas que não tem o corpo perfeito, que tem um monte de deficiência física e estão aí vivendo perfeitamente bem. Então a gente trabalhando, fazendo tudo o que precisa, então são atividades que eles despertam. À noite tem sempre uma que tá voltada pro evangelho, que são três dias na semana, ou é uma reunião que é voltada para dependência química, que é na segunda e sexta-feira 19h30 aí pode ser com a participação de pessoas externas, de ex-internos, de pessoas que tem necessidade e na quinta-feira tem uma palestra pública espírita, que é o único dia que a gente trata mais da questão da doutrina espírita com eles, a palestra é quinta-feira e o evangelho de domingo à tarde, que a gente faz baseado no evangelho segundo o espiritismo, mas sempre deixando claro que o espiritismo é a nossa escolha como religião, a deles pode ser a que eles preferirem, desde que eles sigam alguma, e eles no final de cada 30 dias ou de 60, a gente tem um momento que a gente entrega para eles o cartão de tempo, com 30 tá no meio do caminho e com 60 tá no momento da saída. Isso

acontece todos os sábados quando a gente encerra a semana com o evangelho as 18h, dentro dessa atividade que eles tem cada dia.

Ronan- Conta mais sobre algum trabalho que a casa do caminho (centro espírita chico Xavier) faz além do trabalho interno.

João- Aí a gente tem um trabalho grande com as crianças, trabalho de sábado, que vem para aqui um grupo de umas 50 crianças mais ou menos, passa a manhã toda aqui, então eles tem um grupo de estagiários, de voluntários que trabalham com eles. A gente tem um trabalho com mulheres, que foi um grupo que começou a bastante tempo, há mais de dez anos, e as mulheres que começaram tinham problemas de dependência química a gente não podia internar aqui, mas que vinham para fazer esse trabalho, então aprendem artesanato, costura, pintura, atualmente elas estão fazendo muito carteiras de couro, bolsas de mulher usar, almofadas e agora inclusive ta com uma estrutura toda montada para montar uma associação dessas mulheres, elas conseguiram barracas daquelas que a prefeitura disponibiliza no sábado e é um trabalho que tanto para valorizar cada uma delas e pra dar condição também de uma renda, porque muitas delas convivem com maridos alcoólatras, já tiveram problema com álcool e tem dificuldade financeira muito grande, então um trabalho que aa gente faz. Fora isso a gente também faz visitas, aos domingos a gente faz umas visitas, como a gente fazia antes da criação da casa, a gente continuou fazendo ao longo de todo esse tempo, atualmente não dá para fazer sábado e domingo por conta do trabalho aqui, mas no domingo a gente faz isso de manhã, visita famílias que precisam, materialmente a gente não pode doar muito, porque a gente vive em função das doações que a gente recebe, mas o que a gente tem a gente leva, quando alguém bate aqui pedindo, a gente tendo alguma coisa aqui a gente ajuda com aquilo que a gente pode, no fim do ano a gente faz uma campanha com as cestas de natal, que é um grupo de pessoas que já procuram aqui há anos nesse a gente conseguiu mandar 260 cestas, que tudo é assim, a gente consegue pedindo para as pessoas, pros amigos nas campanhas ai.

Ronan- Todo esse trabalho vocês veem o reconhecimento das pessoas, as pessoas reconhecem todo esse esforço que vocês fazem, mesmo não recebendo nada em troca, em questão monetária, vocês veem esse reconhecimento?

João- A gente não busca esse reconhecimento, a gente vê é lógico, aqui na casa por exemplo é uma casa que o princípio dela nunca foi de cobrar nada de nenhum interno,

porque? Porque a ideia era exatamente de não excluir ninguém de fazer tratamento aqui. Entao da mesma forma que a gente tem morador de rua aqui, a gente já teve médico que ficou internado aqui, a gente já teve professor da universidade internado aqui, a gente já teve pessoas com mestrado, doutorado e exatamente nesse sentido, quando uma pessoa mais instruída procura um trabalho desse, ele vem com uma visão diferente, o cara que veio aqui que era médico em juiz de fora ele falou ‘eu soube dessa casa, por pessoas que passaram por aqui, a minha terapeuta me indicou e eu vim por causa disso, porque se fosse para eu conhecer uma clínica normal, pelo meu conhecimento da medicina eu já saberia direitinho como que seria o tratamento lá, e aqui eu não tinha a menor noção, não era espirita, não tinha feito nada dessa natureza’”, saiu daqui encantado com o trabalho, ele falou assim ‘gostaria que vocês continuassem com a simplicidade desse trabalho, que realmente é o que eu vim buscar’. Entao assim, o que a gente recebe, a gente sabe que espiritualmente, a gente sabe que a gente recebe muito mais do que a gente doa, a gente doa muito menos do que a gente pudesse doar, o reconhecimento é logico que as pessoas vão ter, no caso da dependência química, a gente vê que o retorno das pessoas que foram tratadas é muito pequeno, mas se a gente for olhar no evangelho ta lá quando jesus curou dez leprosos quem voltou foi um, jesus andando encontrou dez leprosos ai cuidou, curou todos, curou a lepra dos dez e cada um saiu e foi cuidar da sua vida, o que gostava de dinheiro foi buscar dinheiro, o que gostava de bebida, foi buscar bebida, o que gostava de sexo foi buscar sexo, o que gostava de juntar e acumular foi acumular e um voltou para agradecer, nem por isso o trabalho não foi feito com todos. Entao assim, a gente não tem muito essa expectativa de todo mundo que vem aqui vai ficar bom e nem esperar que volte, muitos voltam, por exemplo hoje o Birraia ta ai, tem 14 anos que ele passou pela casa, é voluntario hoje, trabalha e ajuda, o Edinho ta 11 anos sóbrio, agora passou a ser trabalhador da casa, outros tantos que passam, outros tantos que voltam, outros tantos que ligam sempre pra dar notícia e um monte que você não sabe pra onde que foi, pra onde que vai, a gente ta até agora estruturando um trabalho pra a gente fazer um acompanhamento, tentar fazer um acompanhamento de ver, como é que isso continua. Eu pessoalmente nunca tive esse interesse porque eu achei, que o que falava pra gente era pra gente não ter expectativa em relação ao outro, porque muitas vezes a ajuda que ta recebendo aqui, o retorno pra ele não vai ser na hora que ele sair, ou daqui há dois anos, espiritualmente a gente sabe que pode ser muito depois, mas a semente é o que importa.

Ronan- O que fez você ser de um grupo fundador de um centro espírita?

João- Na verdade quando eu vim pra aqui, eu sempre fui católico, e não era católico de participar de ir à missa eventualmente todo o domingo, eu era católico de participar mesmo, de participar dos grupos jovens, de dar catequese, de fazer o que um católico devia fazer naquela época na minha visão eu fazia, de participar de tudo, de ser um frequentador, de ser um trabalhador. Tanto que pra minha família aceitar minha transferência pra doutrina foi difícil, minha mãe, pra ela foi muito complicado, eu sei porque ela falava assim ‘ eu tenho dezessete filhos, e um que frequentava, que participava de tudo, de repente agora vai ser espírita’ , pra ela foi um pouco difícil no começo, mas é o que a gente fala, algum compromisso a gente tem, a situação dessa natureza, nunca é por acaso que a gente ta em determinadas situações, eu por exemplo nunca fui viciado nem em álcool, nem em drogas, no entanto fui para num lugar que foi tratar de dependentes, eu sei que o compromisso que eu não tenho nessa vida, mas na passada com certeza devo ter lidado com essa situação, muitas vezes muitos desses que estão passando por aqui, são pessoas que eu posso ter, em encarnações lá pra trás desencaminhado e hoje ter a oportunidade de chegar e de conversar e de fazer com que a pessoa retome a sua vida, que pode ter sido interrompida por qualquer um, até por mim. Então veio num momento, como veio pra todo mundo, eu por exemplo comecei a ter uns problemas, como o desabrochar da mediunidade, que começa a te mostrar muita coisa que você não está acostumado e eu fui procurar, na sorte alguém me indicou o Dr. Expedito, que era o fundador da ACEAK, ai ele bateu um papo comigo, me explicou como é que funciona essa questão da mediunidade, quando ela começa a surgir na sua vida e o que eu precisava fazer, ai eu fui participar de um grupo de estudo, o princípio da mediunidade, e depois da doutrina como um todo e pra mim foi a descoberta, porque quando comecei a ler essas coisas, a ouvir sobre essa questão da reencarnação, das vidas passadas, ai foi clareando tudo pra mim, tudo aquilo que eu tinha dificuldade de entender, eu percebi que era onde tinha as minhas respostas, ai nunca mais sai.

Ronan- Na ata de fundação qual a data de fundação do Centro espírita Chico Xavier?

João- Foi março de 2001, a gente inaugurou no ano seguinte em abril de 2002.

Ronan- Porque foi dado o nome Chico Xavier?

João- Na verdade o Luiz Claudio um dos fundadores da casa, ele tinha uma admiração muito grande pelo Chico Xavier e ele quando visitou o Chico Xavier, ele perguntou se a casa que foi fundada podia usar o nome dele, foi autorizada pelo próprio Chico segundo o Luiz, ai quando foi criar a casa e o centro espírita colocou esse nome, em função do grande trabalho que ele fez pra causa.

ENTREVISTA JOSÉ BRANDÃO REALIZADA NO DIA 27/09/2016

Ronan- Me fale seu nome, conte a história do centro espírita que você frequenta, desde a fundação até hoje.

Brandão- Meu nome é José Brandão Fonseca. Eu “ estudo” no Centro Espírita Irmã Scheila, cuja sede hoje é lá no cantinho do céu, rua araponga 66. O centro espírita Irmã Scheila, pelo que entendo da história, foi o segundo centro espírita criado aqui em viçosa. Primeiro foi o Camilo chaves, depois foi o Scheila, depois o ACEAK, onde trabalhava o Dr. Expedito, depois vieram os outros, casa do caminho e outros, não tem muitos em Viçosa. Apesar de muitos me indicarem como sendo o fundador, eu não sou “ o fundador”, eu sou um dos primeiros, mas não o fundador. Os fundadores, que realmente iniciaram a fundação do centro foram: A minha esposa que se chama Maria Mazzarello Chagas Fonseca, um casala, chamado, José Paulo Santana, já falecido e Maria Amélia Santana esposa dele. Um outro casal, chamado concebida e Aguinaldo mól, Aguinaldo já falecido também e havia um estudante da universidade, que participou logo dos primeiros trabalhos que se chama Ari, não sabemos o outro nome dele. Esse grupo de cinco pessoas fez as primeiras reuniões em 1976, e a primeira reunião aconteceu do casal José Paulo Santana e Maria Amélia Santana, já a partir, eu não sei dizer se da segunda ou terceira reunião, na minha residência, na vila Gianetti, 50. Não por minha causa, por causa de minha esposa que participava. E durante o ano de 1976 as reuniões aconteceram lá na vila Gianetti. No ano de 1977, eu terminei a construção dessa casa aqui (Rua presidente Médici esquina com a rua Silvio Brandão nº 72) e evidentemente o centro espírita passou para aqui, passou a ser reunir nessa casa, e seu reuniu aqui por 12 anos. No início eu não participava das reuniões, eu sou de família católica, fui educado ne colégio de padres em ponte nova, participava de eventos religiosos, missas (em latim algumas) e eu tinha uma formação católica muito sólida,

uma família muito sólida, mas a minha esposa Mazzarello, ela já tinha uma mediunidade relativamente aflorada e era uma mediunidade, que hoje a gente sabe disso, que não era bem controlada, que causava nela confusão mental e a gente vivia indo nos psicólogos, psiquiatras em viçosa não tinha, era belo horizonte na região e eu notei, que a partir do momento que ela começou a frequentar essas reuniões espíritas ela mudou muito, então cheguei à conclusão que isso ai é bom, só pode ser muito bom, e também eu sempre tive mania de ler antes de dormir, então eu pegava um livro dela sobre doutrina espírita e lia, até que eu passei a verificar que a doutrina era interessante, era curiosa, ela respondia algumas perguntas que eu não conseguia ter na minha religião católica, ai eu passei a me interessar mais, por isso eu falo que não fui o primeiro, eu vim a reboque de minha mulher. Meu eu permite logo no início que esse grupo espírita funcionasse primeiro em minha residência lá na vila e depois nessa casa aqui. Essa casa por um erro na construção acabou por ter dois andares devido ao declive do terreno, quando terminou a construção em 1977, eu pus meus filhos aqui e sobrou um espaço lá embaixo e esse espaço foi ótimo para colocar o centro, ele funcionou ali, as reuniões, eu comecei a participar também, mais tarde também eu assumi a direção da casa espírita, eu acho que fui eleito três vezes para presidir a casa. Eu hoje não ocupo nenhum cargo de eleição, continuo frequentando a casa, coordeno alguns estudos, de vez em quando faço uma palestra ou outra, participo de uma reunião em outras casas espíritas e depois de 12 anos funcionando aqui, nós construímos lá no cantinho do céu, a sede própria, a construção foi num terreno que nós construímos, eram dois lotes. Esses lotes foram doados para o grupo, eram dois lotes, o grupo era pequeno, foi sugerido por alguém que vendesse um dos lotes para obter recurso para fazer a construção e foi feito isso, e essa construção era uma construção que foi feito um pavimento, depois um segundo e agora tem um terceiro. O Scheila desde o início, ele começou com reuniões mediúnicas, principalmente com Amelinha Santana, tinha uma mediunidade belíssima, uma das médiuns mais importantes com quem eu já vivi pessoalmente, muito inspirada Amelinha, e o esposo dela José Paulo Santana, ele era um estudioso da doutrina espírita, ele coordenava as reuniões depois que tinha, e minha esposa Maria Mazzarello era uma médium iniciante, ainda desorientada, pouco harmonizada, com o tempo a Mazzarello foi aprimorando a mediunidade e por uma série de razões a Amelinha foi se afastando, no fim ela se afastou, chegou a se separar do Zé Paulo, o zé Paulo continuou, mas ela se afastou da casa. Mazzarello assumiu os trabalhos de natureza mediúnica, mas o Scheila não ficava só em trabalhos mediúnicos, embora tenha iniciado em trabalhos mediúnicos.

O grupo começou a fazer estudos, estudos das obras de Kardec e outras obras que nós chamamos de complementares, Chico Xavier, Edivaldo pereira franco, a literatura espírita é muito grande, nós temos a biblioteca lá embaixo, particular, devemos ter cerca de 2000 títulos, mas o grupo se dedicou estudos sistemáticos, e hoje ainda, o Scheila se caracteriza por um grupo que estuda muito, muitos grupos de estudo além das palestras e passou também as ‘ondas sociais’, aqui o grupo começou a angariar recursos, alimentos principalmente, roupas velhas, cobertores na época de frio e promovia semanalmente uma distribuição de cestas básicas, fazia doações, pessoal fazia fila aqui, interessante que algumas pessoas achava aquilo muito bonito, mas outras não gostavam, porque isso aqui é um bairro de classe média e viam muitas pessoas carentes, mesmo passado o dia de distribuição que era nos sábados, mesmo em outros dia alguns vinham, não tinham noção de tempo de horário, então a nossa casa era muito frequentada por pessoas carentes pedindo alguma coisa, e isso incomodava algumas pessoas da vizinhança. Também nós fomos alertados, que algumas pessoas de outras cidades nos orientaram, em relação ao centro, que não era ideal ter uma casa espírita funcionando numa residência, porque a casa espírita na realidade é uma espécie de escola e de hospital também, as entidades espirituais que vem participar de reuniões, particularmente aquelas que são assistidas, que estão recebendo, elas costumam ficar naquele local, ai alertaram que aquilo podia trazer alguma consequência pra família. Eu acho que não houve consequência para nós, pelo contrário, acho que fomos abençoados, protegidos. O fato é que o Scheila passou lá para o cantinho do céu, pra rua araponga, hoje é uma entidade que tem problema com o excesso de frequentadores, em função do tamanho da instalação, de certa maneira eu tenho angustia de porquê vendeu o outro lote, devia ter arrumado uma maneira de fazer a construção sem dispor daquele terreno, mas hoje a casa tem uma série de atividades, praticamente todos os dias, o número de trabalhadores da casa cresceu muito, o número de oradores que fazem palestra cresceu de maneira impressionante, eu me lembro que no início a gente tinha 4 ou 5 oradores, naquela época era uma palestra por semana, ai a gente chegava para fazer escala de palestra, já sabia que ia falar no dia tal de janeiro, fevereiro, março... A gente pegava orador do Camilo Chaves, depois veio o Dr. Exedito, a casa do caminho, mas no início era difícil. Hoje nós temos no Scheila umas 30 ou 40 pessoas que fazem palestras, que são oradores, muito são, na vida profissional comunicadores, são estudantes da universidade, pós-graduação, são professores, porque a doutrina espírita ela estimula muito a pessoa a ler, então de certa maneira ela é mais acessível a quem o habito de

leitura, pessoas com menos hábito de leitura as vezes demoram um pouco mais a aprender a doutrina, porque é uma mistura de ciência, filosofia e religião, muitos acham que religião é o de menos, isso exige reflexão. Então o grupo do Scheila hoje tem atividades, na segunda-feira, tem um grupo que chama de renovando atitudes, que é um grupo que faz estudos, estimulam pessoas a mudança moral, baseado no evangelho de Jesus, no novo testamento, nós estudamos muito a bíblia, ainda mais o novo testamento, o velho testamento tem muita história do povo hebreu, embora tenha muita importância, mas na doutrina espírita e no irmão Scheila é baseado no evangelho de Jesus, então na segunda-feira é feito este trabalho. Na terça-feira, tem uma palestra pública, uma palestra que até recentemente eu coordenava, devido a alguns problemas de saúde, eu e mulher decidimos afastar, tem uma turma lá brilhante, inteligente, domina os meios de comunicação modernos, então recentemente eu passei para dois professores da universidade a coordenação da terça-feira, um deles o professor Evandro da engenharia agrícola e o outro o professor Renan Mafra do Jornalismo, e durante essas reuniões, acontece na terça, reuniões públicas, de palestras que acontece no domingo também, tem a palestra, no andar de baixo tem um grupo que cuida das crianças, filhos dos frequentadores, dependendo do grupo é dividido, ali eles cantam, tem brincadeiras, dependendo da idade, eles fazem um tipo de estudo, tem uma biblioteca que está lá a disposição dos frequentadores, tem uma equipe que faz o chamado dialogo fraterno, porque tem pessoas que tem a necessidade de conversar, de ter uma orientação, quase psicológica, sempre entra um componente espiritual no meio, nós temos indivíduos que vão lá e fazem esse trabalho, e depois da reunião aplica-se um passe, o passe é o equivalente na igreja católica benção, na doutrina espírita a gente estuda essas coisas com detalhes, o que eu não via na igreja católica, no momento de passe é o momento que o passista ele transmite pra você a energia dele, a energia que nós chamamos de Peri espirituais, nós espíritas achamos que somos uma pessoa “tríade”, nossa alma imortal, o mais importante; esse corpo aqui perecível, que damos muito valor a ele, mas que na verdade é o menos importante e o corpo e alma, que é uma estrutura chamada perispírito, que é muito importante para a saúde do corpo, a comunicação com o espírito. Nesse momento do passe, o médium transfere para os pacientes, uma dose de energia equilibrada, harmonizada, que pode ser muito útil, centro espírita não é hospital, mas as vezes a gente fala que é um hospital para as almas, ela ajuda o bem-estar das pessoas. Então esse momento do passe é muito importante, ele acontece para todo o participante, no momento que alguém tá fazendo uma palestra, que é um silencio, uma

concentração, já há relatos de que nesse momento, todas as pessoas presentes recebem cargas de energia harmonizantes, isso também acontece nas igrejas, em todo templo religioso, não é exclusivo de casa espírita, mas na casa espírita é especialmente dirigida, mas as pessoas que se sentem mais angustiadas, sentindo um pouco mais de necessidade, aí toma esse passe, então isso é na terça-feira. Na quarta-feira tem grupos de estudos de mediunidade, atualmente tem dois grupos, um deles ainda coordenado por Mazzarello, minha esposa, e outro pelo Derly e outros trabalhadores, tem vários trabalhadores lá. Derly hoje é o médium de mais atividade lá na casa espírita, ele desenvolveu a mediunidade dele de maneira impressionante, ao mesmo tempo que a mediunidade de minha esposa Mazzarello, decaiu, devido a problemas de coração os guias espirituais decidiram que era hora de afastar e o Derly cresceu, no início o médium preponderante era a Amelinha, que tinha uma mediunidade fantástica, depois a Amelinha afastou, a Mazzarello assumiu uma posição importante, Mazzarello adoeceu, aí o Derly assumiu, Derly hoje é um grande médium da casa espírita, mas tem outros, tem uma equipe, que um dia evidentemente o Derly vai se afastar por alguma razão e a casa tem que continuar. Na quinta-feira tem uma reunião imensa lá no Scheila, eu acho que tem noites lá que comparecem mais de 300 pessoas, aí da problema de estacionamento, porque nesse dia é feito um trabalho que é chamado de fluido terapia, são tratamentos espirituais que são feitos, e quem coordena isso é o Derly, mas ele trabalha com 40 ou 50 trabalhadores da casa, que recebe, que encaminha as pessoas, eu não participo desse trabalho, nem eu, nem Mazzarello, acho que não temos energia física pra isso, esse trabalho de quinta-feira é um trabalho fantástico. Na sexta-feira tem um grupo que faz orientação para pessoas que tem crianças com deficiência, a coordenadora desse estudo é uma advogada, que é mãe de um autista, a Adriana. No sábado tem trabalho de campanha do quilo, acho que tem evangelização infantil e no domingo tem a palestra pública, que é muito frequentada, antes da palestra pública tem vários estudos, estudos sistemáticos da doutrina, tem 4 ou 5 grupos, eu coordeno um deles, eu coordeno o de introdução. Depois tem a reunião pública, com o mesmo modelo da reunião de terça-feira, tem trabalho de assistência as crianças, tem a palestra, tem passes, tem aconselhamentos, dialogo fraterno. Durante o dia, durante a semana toda funciona uma creche, chama creche pingo de luz, essa creche iniciou-se com Mazzarello, na época eu achava que era uma utopia dela, que era um sonho dela de ter uma creche, viçosa era muito mal servida desse tipo de instituição, talvez nem existisse em viçosa ainda. Era para crianças filhas de mães que trabalhavam fora, geralmente

gente do trabalho doméstico, então essa creche tem hoje um outro nome, a prefeitura se envolveu, então é uma creche muito bem organizada, se desenvolveu, ela não é maior não, lá do ACEAK, a creche deles é muito maior, um trabalho fantástico, nossa creche é menor, mas muito boa, muito bem dirigida, hoje quem coordena aquela creche é a Bernadete, uma psicóloga, esposa de um médico, então uma casa cheia de atividades. No início, antes de estruturarmos a creche, nós nos apoiamos muito em outras casas, em ponte nova, tinha uma senhora lá chamada Adélia Maffia, e o grupo de Adélia Maffia nos ajudou muito, nos deram muita orientação. Adélia Maffia tinha muito contato com a família Coelho, do Professor Dirceu Coelho, do Camilo Chaves, e o professor Dirceu nos ajudou muito, nos orientou muito, muita solidariedade, foi até interessante que aqui na santa Rita funcionava um cinema fechou, o proprietários venderam as cadeiras, e no fim sobrou uma sucatas, umas cadeiras quebradas, e eles ofereceram aquelas cadeiras para o professor Dirceu, mas o Dirceu no telefone me falou: “ o Brandão, aqui no Camilo chaves não estamos precisando, não cabe. Vocês estão iniciando, você quer ficar com as cadeiras?”, eu disse eu quero, ai nós fomos lá, as cadeiras estavam precisando de uma reforma, aí nós reunimos um grupo lá, aquilo implicaria num certo custo, e eu falei que to pensando em reformar trinta cadeiras, aí um colega nosso falou: “ o Brandão você ta doido, pra que 30? Basta talvez umas 10, 15”, aí eu falei não, nós vamos fazer 30, ai nós fizemos as trinta e hoje nós temos reunião que tem 300 pessoas, interessante como que a casa cresceu, meus filhos ajudaram muito, tivemos dois rapazes e duas moças, os rapazes ajudaram muito.

Ronan- Esse trabalho com a creche iniciou em que ano?

Brandão- Em 1989 passou a ter a sede própria lá na rua araponga, no cantinho do céu. No dia 17 de fevereiro de 1992, iniciaram as atividades da creche pingo de luz.

Ronan- Todo esse trabalho que vocês fizeram, com as campanhas, começando aqui na sua casa. Todos esses anos ajudando várias famílias, muitas delas não são espíritas, vocês veem o reconhecimento dessas pessoas?

Brandão- Uma características das casas espíritas num modo geral, é que eles não perguntam a sua religião, as vezes pergunta pra saber se ta conversando com uma pessoa que estuda a doutrina espírita, porque ai você tem mais liberdade, facilidade de fazer algumas colocações, mas não importa se você é católico, evangélico, não crê em Deus, a doutrina espírita acolhe todos. E no caso específico de atendimento a crianças a

distribuição de sacolas, ai não interessa a religião das pessoas mesmo. Uma de minhas preocupações particularmente lá no Scheila, é que pelo fato da doutrina espírita estar muito escrita, Kardec já veio com cinco livros, enquanto os evangelhos de Jesus seriam o que alguém teria ouvido ele falar, Kardec até mesmo depois de morto deixou muita coisa escrita, no Brasil tem Edivaldo pereira franco e Chico Xavier, que detalham mais o que foi escrito por Kardec. Então na doutrina espírita as famílias tem mais o hábito de ler. E como essas famílias (não espiritas), não tem muito o hábito de ler, elas não são tão motivadas, mas em questão de reconhecimento eu acho que temos até demais. Nós temos a filosofia na doutrina espírita que não importa o reconhecimento das pessoas, o importante é você saber que fez algo de bem.

Ronan- o Irmã Scheila é da década de 70 início de 80, vocês sofreram com algum tipo de preconceito?

Brandão- Até hoje tem preconceito com a doutrina espírita, eu vejo com muita naturalidade. Existem pessoas que tem algum preconceito por não conhecer, outras são mal informadas, na minha família foi difícil eles aceitarem quando descobriram que eu participava de reuniões espiritas, dava palestras. Muitos líderes religiosos falam que aquilo lá (doutrina espírita) é feitiçaria, é coisa do diabo. Eu me lembro quando foi feita a primeira feira do livro espírita, foi o Scheila que fez, Mazzarello que fez, então ela resolveu fazer a primeira feira do livro espírita em Viçosa, naquela época, o prefeito era um conhecido meu, eu fui lá pedir pra fazer, ao lado da prefeitura de Viçosa, e lá fizemos a primeira feira do livro espírita. Fomos buscar os livros não sei se em São Paulo, Belo Horizonte e colocamos lá ‘‘ primeira feira do livro espírita’’, então as pessoas quando vinham caminhando e viam que era coisa espírita, passavam do outro lado, no ano seguinte foi a mesma coisa, ai eu pensei: ‘‘ vou levar umas cadeiras de praia’’, eu tinha umas 4 ou 5, ficamos sentados lá e o pessoal passa lá cumprimentava, conversava, e falavam que iam dar de presente para alguém, não confessavam que era pra eles. Teve um dia, num dos primeiros anos, que um padre, não me lembro o nome dele, que já morreu, passou lá, dizendo que era coisa do demônio, passou um certo sermão na gente lá, minha mulher falou com ele que aquilo ali não era do demônio não, que era coisa de Jesus, mostrou pra ele. Aliás Kardec dizia: ‘‘ que fora da caridade não há salvação’’, ao contrário do que dizem que fora da igreja não há salvação. A caridade é aquilo que Jesus disse, amar ao próximo como a si mesmo. Isso na década de 70. Nos anos seguintes as pessoas começaram a vir participar e começou a dar até problema por

excesso de gente, atrapalhando o calçadão, tivemos que sair de lá. Aquela jornalista lá, a Soninha tinha um programa e o Dr. Expedito leão, que já é falecido foi um dos grandes trabalhadores espíritas da região, ele fazia um momento de oração, no sábado. Depois ele conseguiu, com o professor Dirceu, um programa de uma meia hora, uma mesa de participantes espíritas, expor alguma coisa da doutrina e responder algumas respostas, e a gente recebia algumas perguntas pelo jornal e era interessante. Houve uma época que por imprudência minha, eu fui chamado por um batizado, sou de família católica, mas já “militava” no movimento espírita, aí fui, chegando lá o padre me mandou sair da igreja, porque quem professava a “religião do diabo” era pra sair, mas eu não sei não, depois fui lá e convidei para aparecer no centro espírita, porque lá estudamos a bíblia. Nós seguimos Kardec, mas estudamos outros também, existem alguns espíritas ortodoxos que só leem Kardec. Kardec deixou uma coisa muito claro, que a doutrina espírita, assim como a ciência, tem o objetivo o bem da humanidade. Assim sendo, se a ciência provar que tem alguma coisa errada na doutrina espírita, tem que mudar a doutrina espírita. Outra coisa que Kardec fala é que nós no estágio que nos encontramos, nós não temos metabolismo cerebral e evolução moral para entender todas as coisas espirituais. Eu acostumo discutir com os amigos de estudo que é muito difícil entender o conceito de infinito e de eterno.

Ronan- A relação entre um centro espírita e os outros é muito boa? Se precisar da ajuda do outro? É fácil a relação?

Brandão- Sempre pode melhorar evidentemente. Mas hoje em dia é boa, existe uma aliança municipal espírita (AME), o professor Dirceu liderou isso durante anos, aliás eu considero o professor Dirceu o mais que mais trabalhou para a divulgação da doutrina espírita na cidade e na região. O intercambio maior que existe entre os centros espíritas é a permuta de trabalhadores, principalmente para fazer palestras, mas também tem trabalhadores que trabalham na campanha do quilo, que trabalham até na administração da casa, por exemplo, nós temos pessoas do Scheila que trabalham na casa do caminho, que ajudam lá, nas palestras lá pra pessoas assistidas, que militam lá aos sábados, eu mesmo já fiz palestra lá no ACEAK, lá no Camilo chaves, na casa do caminho, no caminho do amor, agora tem um lá em Nova Viçosa, esse eu nunca fui. O professor Dirceu organizava um serviço na região que eu achava muito bacana, nós não temos hierarquia, mas temos organização, o Scheila tem presidente, que assina os documentos, tem os compromissos perante a comunidade, com a prefeitura, tem que ter sua

organização, o professor Dirceu foi presidente da AME e também foi presidente do CRE (Conselho Regional Espírita), que envolve várias cidades da região, e o conjunto desses CRE's, se reúne em Belo Horizonte e forma a União Espírita Mineira (UEM), que por sua vez tem a Federação Espírita Brasileira (FEB), então não deixa de ser uma espécie de organização, mas não temos hierarquia. O que acontece é, por exemplo, eu ir lá no Camilo Chaves fazer uma palestra e depois aconselhar algo, fazer um passe. Nesse ponto há muita colaboração, mas poderia ser maior.

ENTREVISTA ROSÁRIO REALIZADA NO DIA 17/10/2016

Ronan- Qual o seu nome e me conte sobre a fundação deste centro espírita.

Rosário- Meu nome é Maria do Rosário, sou economista doméstica e cheguei no espiritismo através do professor Dirceu. A ACEAK teve a sua fundação em 3 de novembro de 1979, são 37 anos, definindo no estatuto o que é ACEAK, é uma associação civil de caráter religioso, beneficente, educacional, cultural, de assistência social com fins não econômicos, de prazo indeterminado, a finalidade básica, primordial, da associação, consiste no estudo, na prática e na divulgação da doutrina espírita como religião, como ciência e como filosofia, nos moldes da codificação de Allan Kardec. Quem fundou a ACEAK (Associação Cristã Espírita Allan Kardec), foi Exedito Luiz Leão, faleceu já há aproximadamente 5 ou 6 anos, ele foi o dirigente até o ano de 2003, por 24 anos ele foi o dirigente da ACEAK, a partir daí ele se afastou, o atual presidente é o Júlio, conhecido como Julinho. Quando começou a funcionar essa instituição era na rua Marli Azevedo, casinha pequenininha, e com o passar do tempo as atividades foram aumentando, pessoas foram chegando e tornou-se necessário um espaço maior, mas aí sempre esbarrava na questão financeira. Então surgiu nesse período uma colaboradora, frequentava a casa e começou a se preocupar com o problemas também. Já tinha uma sementezinha de creche, não era bem uma creche, mas já era alguma coisa, então faltava espaço, aí conversando com os irmãos dela, eles tinham esse terreno aqui, na rua dona Gertrudes, era só um terreno tinha uma casa velha nos fundos, ela conversou com os irmãos, e eles doaram o terreno, aí então começou a construção. A gente não pode deixar de falar, era um lote, mas o fundo era do Padre Mendes, talvez uns dois ou três metros, Dr. Exedito conversou com ele e ele acabou

doando esse pedaço de terreno também, na lateral tinha um metro, um metro e meio, coisa assim, que era do Elói Gava, que doou também, mas o lote em si era dessa pessoa que começou a frequentar o centro, e conseguiu que fosse doado o centro. Então aí começou a se buscar uma forma de começar a construir, arrecadar fundo, bazar, jantares, almoços, rifas, clube de serviço, Rotary, rádio, pessoal ajudava fazendo campanha e em fevereiro de 1993, estava construído o primeiro pavimento, então aí a gente se mudou para cá. Em 2000 houve a conclusão do prédio, sem acabamentos, que sempre vai fazendo alguma coisa, mas em 2000 já tava tudo ok.

Ronan- Porque vocês saíram da rua Marli de Azevedo?

Rosário- Na verdade é porque era um imóvel alugado, muito pequenininho, tava aumentando o número de crianças, o salão era pequeno, tinha mais pessoas para assistir a reunião, se fosse pela questão da doutrina eu acredito que o aspecto do espaço seria razoável, mas tinha a parte assistencial também que a gente precisava de um espaço maior, surgiu essa oportunidade e então a gente veio para cá.

Ronan- Os trabalhos que tinham na época da fundação são os mesmos, ou modificou algo?

Rosário- Modificou muito. Cresceu num aspecto, mas diminuiu na quantidade. Na época a gente tinha doação de cestas todo o sábado, umas 40 a 50 cestas, tinha o grupo de gestantes, era um curso que era feito com as meninas que estavam grávidas e no final elas recebiam um enxoval. Tinha também cursos profissionalizantes, tudo coisa pequenininha, curso de corte e costura, aula de datilografia e tinha já também uma sementinha de creche. Quando a gente veio para cá, continuou por um tempo, mas à medida que o tempo tava passando, a gente ia vendo que, a questão da doação do alimento, tava se tornando uma coisa que a pessoa vinha e buscava o alimento e ia embora, então tava ficando, tava faltando alguma coisa e a gente viu que na verdade, também não estava tendo a necessidade mais, alguém sempre tinha alguma coisa pra fazer, então a gente pensou ‘’ que dessa forma a gente não ta ajudando’’, começou a escassear também a campanha do quilo e pessoas vinham sempre as mesmas pessoas, então a gente optou, em 2004, a gente encerrou essa distribuição de alimentos. A questão do curso de gestante, diminuiu muito, era muito poucas pessoas que procuravam, porque havia uma exigência, a pessoa participava do curso e depois ganhava o enxoval, eles preferiam ganhar o enxoval, mas não participar do curso, aí a

gente não tava ajudando, pra pegar enxoval você vai em qualquer lugar, você recebe, então parou também. E o curso profissionalizante também foi se encerrando. A creche que tinha começado com 5, 6 crianças, na verdade na época nem era uma creche ainda, mas essa assistência as crianças começou a aumentar, hoje nós temos 105 crianças de 3 meses a 3 anos e 11 meses, e 38 fora essa faixa etária de creche, que vai dos 4 anos aos 10, eles chegam com 3 meses e podem ficar até os dez anos, de 4 a 10 eles já não são creche mais, então a gente criou isso como se fosse um braço ou departamento, que a gente chama de Associação Criança e Amor, aí ficou essas crianças maiores, até os dez anos, elas concluem o primário, já entram na quinta série, aí já se afastam.

Ronan- Os trabalhos de assistência social que se realiza na ACEAK são qual(is)?

Rosário- De assistência social é a creche, só a creche.

Ronan- E os trabalhos mais internos, de ordem espírita, são os mesmos ou mudaram?

Rosário- Continua, talvez aumentou um pouco. A gente tem reuniões todas as noites de 19h30 às 20h30, domingo e segunda são reuniões que a gente faz que são reuniões públicas, palestras, depois tem os passes e nos outros dias da semana são grupos de estudos, tem na terça-feira grupo de estudo do evangelho, quarta-feira tem uma reunião, é o Júlio que dirige essa reunião, é uma reunião de harmonização, de vibração, na quinta-feira tem-se o estudo da doutrina, na sexta não tem, no sábado tem o estudo da mediunidade, com a prática mediúnica, e os horários são sempre às 19h30, só no sábado que são às 18h até 21h.

Ronan- Esses trabalhos citados vocês realizam da mesma forma até hoje?

Rosário- Havia um trabalho que o Dr. Expedito chamava de mandala, mas com a saída dele essa atividade encerrou. Então o que se faz na casa espírita em termos espirituais, são as palestras, os passes, os trabalhos mediúnicos, o estudo.

Ronan- Qual foi ou é a relação da ACEAK com a população viçosense, principalmente a “ população não-espírita”.

Rosário- Por incrível que pareça a gente não teve problema, talvez porque veio o Camilo Chaves que “ apanhou bastante”, eles se impuseram também, pela própria postura, Dirceu é uma referência, e o próprio centro espírita Camilo Chaves também, então não tivemos problemas, pessoas católicas nos ajudaram na arrecadação de fundos

para construir, ajuda até hoje, várias pessoas, cada um respeita o seu ponto de vista, mas não houve problema com relação a isso.

Ronan- Na fundação da ACEAK, teve mais alguém além do Dr. Expedito?

Rosário- Teve mais pessoas, mas dessas pessoas muitas já faleceram. Manoel Machado Filho, que é de Teixeras-MG, não sei se o Sr. Manoel ainda é vivo, José Maria Jales Resende Rigueira, Maria Luiza Leão, ela não era espírita, mas era filha do Dr. Expedito, quando houve a fundação ele a colocou como secretária, Adelino Rodriguem de Oliveira, ele também já faleceu, Antonio Fialho Botelho, ele não frequenta mais, Edite Moreira Queiroz Botelho, são essas as pessoas que seriam os fundadores. Então eles não mais estão presentes aqui com a gente. No centro espírita muitas pessoas passam, elas vêm, ficam um tempo. Como o próprio estudante que ele ta aqui, ele ta depois vai embora, mas há um rodizio grande de muitas pessoas.

Ronan- Me conta mais detalhadamente como é feito este trabalho com a creche.

Rosário- A gente tem um roteiro, as crianças chegam, primeiro ocorre a seleção, chega uma mãe carente e que trabalha fora, se não trabalhar a gente não fica com a criança, porque o melhor lugar é ao lado da mãe, se a mãe não trabalha não justifica ficar com a criança, então é condição fundamental que elas estejam trabalhando, se a mãe perde o emprego, ela tem um tempo para conseguir outro emprego, se ela falar que não vai trabalhar mais, a gente não fica com a criança, porque o regulamento é uma norma. Então a criança pode chegar a creche de três meses a seis meses, ela faz a matricula, chega uma criança de sete meses, a gente não aceita, é até seis meses só, eles ficam até os dez anos, se eles quiserem e os pais quiserem também. É dividido em turmas, aqui no primeiro piso fica crianças de três meses a um ano e seis meses, dividido em três turminhas, com um ano e seis meses, até dois anos e quatro meses, eles vão pro terraço, tem um espaço maior, tem parquinho, tem mais espaço pra ele correr, depois ele desce para o terceiro andar, de dois e quatro meses a três anos e onze meses. Com quatro anos eles já vão pro primeiro período, eles vão pro colégio viçosa, no outro período eles voltam pra creche. Eles chegam tem o café da manhã, mamadeira, leite, o que ele tomar, lá pelas 9h tem um suco natural, fruta da safra, 10h tem o almoço, aí após o almoço há um repouso, os pequenininhos acordam a hora que quer, os maiores geralmente 11h, 11h30 eles dormem, tem um repouso, até uma hora, aí levanta faz um

lanche, brinca, faz dever, o que tiver na hora de fazer e às 15h eles tomam uma sopa e se preparam para sair às 16h, de 16h até 16h30.

Ronan- Qual é a relação da ACEAK com os demais centros espíritas de Viçosa?

Rosário- Já teve uma relação melhor, um relacionamento maior, mas hoje cada um se preocupa com a sua parte, cada um tem seus problemas. Tem pessoas do Irmã Scheila que vêm fazer palestras aqui, do Camilo Chaves, tem esse inter-relacionamento, mas não há um contato maior, talvez por falta de tempo mesmo de cada um, tendo as suas atividades a serem resolvidas, problemas a serem solucionados, se houver necessidade a gente conversa, se vê por aí, mas não tem uma rotina de intercâmbio não.

Ronan- Caso algum centro espírita necessitar, todo centro espírita que estiver disponível, vai ajudar?

Rosário- Eu acho que sim. Acho que se alguém tiver, pelo menos nas vezes que a gente teve as dificuldades, conversava com um, mas Dirceu sempre esteve para ajudar todos, indiferente se você precisava ou não, ele sempre tava ali, ele sem querer ser era o “ cabeça”, por sempre estar ali.

Ronan- Vocês tiveram a ideia de fundação vinda de outro centro espírita, ou foi só da ideia do Dr. Expedito?

Rosário- Pelas conversas que a gente tinha, ele começou a se interessar pela doutrina espírita, frequentou muito o Camilo Chaves, que é perto da casa dele. Então ele gostou, muito estudioso, conhecimento muito grande da doutrina, do evangelho, e ele buscou, como advogado que ele era, fez um regulamento, as normas, procurou a União Espírita Mineira (UEM).

Ronan- Existe algum tipo de registro dentro das organizações dos centros espíritas, para que se possa ter um centro?

Rosário- Não. O que me atrai no espiritismo é isso, você não ter chefe, tem a Federação Espírita Brasileira (FEB), mas ela não tem nenhuma interferência, ele respeita, existe a UEM mas ela também não interfere, se você não quiser, você não deixa de ser espírita por isso, não é obrigado a se filiar a nada. Existe não uma hierarquia, mais uma organização, a FEB, a UEM, os CRER's e a AME, mas você não necessariamente tem que estar vinculado. Dr. Bezerra de Menezes foi um espírita que já faleceu há muito tempo, mas ele pregava a unificação do movimento espírita, mas eu

acho, que é bom que se tenha uma ideia central, mas o trabalho espírita vai muito daquele grupo que está administrando de acordo com os ensinamentos de Kardec.

Ronan- A questão do preconceito, de fato que não teve nenhum?

Rosário- Quase nenhum, não é que ninguém não tenha falado nada. Tem coisas assim que ocorre com qualquer. Por exemplo, o evangélico, existe um certo preconceito com o espiritismo, então uma ou duas crianças que ao longo desse tempo, que o Pastor obrigava que a criança ou fica lá, ou sai da igreja, você não pode ficar na Igreja, na nossa Igreja e deixar seu filho numa casa espírita, então os pais tiraram a criança. Então esse foi o maior preconceito que existiu.

Ronan- Todo pessoa que em algum momento veio precisar de um trabalho social da ACEAK, sempre ficou claro que ali era um trabalho espírita?

Rosário- Ah sim, não que se pregasse para essa pessoas, que vinham, porque tinha uma palestra antes, a gente se dizia espírita mas não obrigava a seguir, mas a mensagem era uma mensagem espírita, de reencarnação, conceitos que eram introduzidos, que a pessoa podia aceitar ou não

Ronan- Se a pessoa tivesse alguma dúvida no ato de matricular os filhos, teria alguém para tirar dúvidas?

Rosário- Ah com certeza, mas nunca teve. Os pais fazem normalmente a inscrição, percorrem o prédio todo, a gente conversa nos encontros que a gente tem, se alguém pergunta alguma coisa a gente fala, mas há um respeito.

Ronan- Quais foram as maiores dificuldades que a ACEAK enfrentou durante esse tempo?

Rosário- A dificuldade que sempre tem é a questão de manutenção, mas a gente vai sempre se dá um jeito, a gente tem um convenio com a CEMIG, que as pessoas que queiram ajudar, eles ‘’ associam’’ e desconta na conta de luz dele 10 reais, a gente obtém esse recurso para a instituição, tem pessoas que são doadoras voluntárias, que dá para a subsistência. A creche é independente, digamos assim, porque já tem mais ou menos uns quatro anos, que tem um convenio com a prefeitura, recebe do FUNDEB, então dá para pagar professor, funcionário, mas a questão maior é a questão de manutenção mesmo.

Ronan- Qual é a relação da ACEAK com as escolas em questão de matrículas, transportes, etc.?

Rosário- Essa questão de transporte é responsabilidade dos pais, é deles com a prefeitura, se a prefeitura dá o transporte, os pais procuram e resolvem essa questão. Mas a questão da escola, sempre que os meninos ficam aqui, eles estudam no Madre Santa Face, que os auxiliam mais, a mãe não precisa de sair do trabalho para levar criança, daqui ela já vai para lá. Mais de quatro anos eles estudam no Colégio Viçosa, aí geralmente é uma van que busca, leva e os pais depois pegam lá. A relação com a escola é ótima. Dependendo do horário de estudo, os que estudam de manhã vem para aqui a tarde, e os que estudam a tarde vem aqui na manhã. Agora nos períodos de férias, não tínhamos, a partir desse ano que a gente optou por ter no período de férias, no período de férias quando não tem aula eles ficam aqui o dia inteiro, mas quando tem aula é meio horário aqui, meio na escola.

Ronan- As crianças em idade escolar tem algum tipo de aula de reforço?

Rosário- Tem uma professora que fica com eles, auxilia no dever, atividades recreativas, brincadeiras que eles passam o dia aqui.

Ronan- As crianças que frequentam a creche, são “100% não-espíritas”?

Rosário- São “100% não-espíritas”, não tem nenhuma criança espírita. Tem evangélicos, católicos, mas espírita não tem não.

Rosário- Eu me esqueci de falar que aos sábados tem uma evangelização, que chamam “mei-mei”, antigamente era uma sopa que era oferecido para as crianças, pessoal era mais carente, hoje acho que ta tendo mais recurso, então as crianças vêm 13h e ficam até às 16h, e aí tem brincadeiras, é oferecido um lanche, antigamente era oferecido uma sopa, eles fazem brincadeiras, tem orientação da moral cristã, todos os sábados de 13h às 16h.

ENTREVISTA MAURO REZENDE REALIZADA NO DIA 15/09/2016

Ronan- Queria que você contasse sobre o incentivo para ter uma sede de centro espírita aqui em viçosa lá no início.

Mauro- Meu nome é Mauro Rezende, e quando eu cheguei a Adélia já se reunia com o grupinho lá na estação, com seu Agostinho que era chefe da estação. O grupo foi se reunindo e automaticamente essa ideia de fundação do centro veio à tona. Já se começava ali um trabalho assistencial, visitando algumas poucas casas, visitando algumas famílias e aquilo foi tomando corpo. Depois com a ida do Sr. Agostinho para Ponte Nova, essas reuniões passaram a ser na casa de Adélia, e isso foi tomando corpo até que eventualmente foi fundado o centro. Nós tivemos a contribuição de uma pessoa que não está mencionada aí, Dona Dorica, esposa do Sr. Machado e que ela conseguiu gratuitamente todo o registro do centro, foi um esquecimento nosso não ter colocado aí nesse documento.

Ronan- Qual foi o motivo de procurar construir uma sede?

Mauro- Isso foi um movimento natural, primeiro é que todos os centros tem uma sede, isso seria naturalmente por questão de paralelismo das coisas uma atitude normal. A dificuldade nossa aqui é que a gente não tinha na ocasião nenhum participante que tivesse uma estrutura financeira mais forte, eram estudantes, Adélia lutava com dificuldades, então houve muita dificuldade de a gente objetivar uma sede. E a gente começou de uma forma interessante, a gente ganhava lotes, mas aí não havia material para construção, com tempo aquele lote a gente achava que não era o local adequado, comprava o material, guardava o material na pressuposição de que viria breve um lote, a coisa foi passando até que mais tarde foi comprado o centro.

Ronan- Você fala dessas doações de lote, antes mesmo do Camilo Chaves ter a sede própria, ali na Gomes Barbosa, vocês tiveram outros possíveis lugares que não achavam apropriados, tem algum em destaque que quase foi a sede? Vocês chegaram a usar como sede?

Mauro- Não chegou a ser quase, mas um lugar que a gente teve durante algum tempo uma sede foi no final da rua João 23, lá no alto, no bairro de Lourdes. Não construímos nada, só teve um lote, depois o lote teve que ser vendido.

Ronan- Quando essas doações de lotes aconteceram antes da construção do centro?

Mauro- Pro centro mesmo houve uma doação eu acho, me parece que aquela da rua João 23. Depois os outros lotes que o centro recebeu, ou até comprou, mais recebeu, era

mais para construção de casa pra pessoal mais pobre, na rua das estrelas, no alto do morro do pintinho, mas pra sede mesmo foi só esse.

Ronan- Essa construção de casas, vocês chegaram a fazer alguma coisa pro pessoal mais pobre? Naquela época você quantas casas vocês conseguiram construir?

Mauro- Nós chegamos, o centro chegou a construir casas. Que eu me lembro existia uma casa no alto da rua seca, e uma casa lá na rua das estrelas. Inclusive, essa da rua das estrelas é um lote no pasto e a primeira casa construída lá foi uma casa do Camilo Chaves. Na realidade nossa intenção inicial não era doar. Nossa intenção era ser uma espécie de abrigo provisório, para aquelas famílias mais necessitadas, mas chegamos à conclusão que isso não funciona, porque a carência era tão grande que a família estabelecia ali que você não tinha como tirar a família, vimos que aquilo não funcionou bem, aí acabamos doando.

Ronan- Na rua seca era a mesma coisa?

Mauro- Foi a mesma coisa. Não havia como obrigar a pessoa sair para da lugar pra outra, porque não havia diferença em quem ia entrar e quem ia sair e muito menos de cobrar alguma coisa. E também no bairro união havia um lote. Só depois é que passou definitivamente pra pessoa. Durante algum tempo a pessoa achava que era da gente, a gente achava que já tinha doado pra pessoa.

Ronan- Isso tudo antes da criação do Camilo Chaves?

Mauro- Isso tudo no processo de criação do Camilo Chaves, na década de 60, início da década de 60.

Ronan- Sua cidade natal é onde? Quando você chegou aqui em Viçosa, você chegou pra trabalhar, pra estudar, você já era espírita? Qual a sua impressão quando você chegou em Viçosa, que era uma cidade tradicionalmente católica.

Mauro- Bom sucesso, pertinho de Lavras. Estudar, em 1958. Eu já era espírita, me tornei espírita em Lavras. Minha impressão que eu tive é que o único espírita que tinha era eu. Aí eu comecei a participar da conferência vicentina na universidade. Mesmo sendo espírita e declarando espírita, eu me lembro que eu e o professor José Flávio na hora da oração se levantava em sinal de respeito. Nós dois nos declarávamos que não era católicos, mas tínhamos respeito, mas tínhamos uma convivência muito boa, tanto que o Camilo Chaves sempre teve uma convivência ótima com os católicos, em

particular os da conferencia vicentina, o professor Luiz Carlos Lopes pode dar testemunho disso. A convivência era tão boa, que a conferencia vicentina, tinha uma Kombi e essa Kombi era frequentemente emprestada pra gente, para levar doentes a belo horizonte, coisas desse tipo, pra você ver que a convivência era bacana, que mostra que o ecumenismo começou num nível muito bom.

Ronan- A intenção não era a conversa com os espíritos, o início foi de estudo e assistência social, vocês participaram de reuniões com os vicentinos, teve a partir dessa ideia de parte do pessoal católico aqui de viçosa, aí vocês começaram o próprio trabalho ou não?

Mauro- Não teve relação nisso. O espiritismo enfatiza muito essa parte de assistência social, e a coisa mais afim que a gente encontrava aqui era a conferencia vicentina, e eles nos deram uma recepção muito boa, e houve uma convivência interessante, embora a gente em momento algum negasse nossa filiação espírita.

Ronan- De alguma forma vocês sofreram algum tipo de preconceito?

Mauro- Honestamente é possível que houvesse alguma coisa. Eu sempre tive uma recepção muito boa, eu nunca me senti excluído, coisa desse tipo. É claro, a gente não pode ser ingênuo, que aquilo não era uma coisa bem vista por todo mundo, mas pessoalmente entre nós lá nunca houve uma coisa afrontosa, algo assim.

Ronan- Mas de certa forma, pela sociedade mais tradicional de viçosa, alguns vocês percebiam que não era bem vista a pratica?

Mauro- Imagino que por exemplo se nós quiséssemos adquirir um lote, aquilo teria uma certa dificuldade, coisa desse tipo, mas ao nível pessoal, nós nunca sentimos coisas desse tipo. Nós lembramos que os presbiterianos é que de certa forma enfrentaram dificuldade maior que a nossa.

Ronan- Você lembra quando o centro espírita Camilo chaves além dos estudos, começou com esse trabalho mediúnico?

Mauro- Nós tivemos na década de 60, no início de 60, em 62, nós tivemos algumas reuniões mediúnicas no Camilo chaves. Nessa ocasião com a participação de Jair de Oliveira, que era funcionário do banco Itaú e depois foi para Belo Horizonte. E depois com a ida do Jair, a gente continuo com essa reunião durante pouco tempo, depois essa reunião foi cancelada, só voltou agora mais recentemente com o Dirceu.

Ronan- As reuniões mediúnicas teve um período que parou, voltou com o Dirceu. Esse período foi quando?

Mauro- Eu não me lembro, foi um período, o Dirceu pode dizer com mais propriedade isso, foi um período longo.

Ronan- Como que era a relação suas com os vicentinos? Eles reconheciam seus trabalhos?

Mauro- Não. A gente só tinha esse contato nessa coisa comum da caridade ao próximo, só isso.

Ronan- Qual era o intuito dessa palestras quando vocês faziam elas?

Mauro- A gente convidava várias pessoas de belo horizonte para fazer palestras aqui, esse processo era contínuo, durante anos. A palestra a gente entende de certa forma como uma aula bem dada. E as palestras são sobre temas de natureza espírita, então para a gente é como se fosse um caldo de cultura, pra reflexão, meditação.

Ronan- Essas palestras vocês divulgaram só pro pessoal espírita?

Mauro- Não. A palestra nós chegamos a anunciar na rádio montanhese, chegamos a ter alguns vislumbres, algumas mensagens, essas frases curtas, sendo lidas na rádio montanhese, isso me parece que foi cerceado por interferência de alguém, a única coisa que me lembro de reação contrária foi isso.

Ronan- Essas palestras, era só os espíritas que iam? Ou tinha algum curioso?

Mauro- Sempre tinha um ou outro curioso que ia. Mas não eram muitos, porque eu tenho a impressão que não sentiam confortáveis. Sempre tinha a pessoa que não era declarada espírita. E aqueles que iam alguma vez a gente convidava de novo.

Ronan- Teve algum desses curioso que começaram depois a frequentar as reuniões do Camilo chaves?

Mauro- Eu me lembro de muitos que não continuavam, não me lembro muito da cara de quem não eram espíritas.

Ronan- Vocês viam com bons olhos essas palestras no intuito de estabelecer o espiritismo em viçosa?

Mauro- A gente achava isso importante. Na ideia de que a palestra é uma expressão melhor de comunicação do que nossas reuniões seriam.

Ronan- Você se lembra dos outros centros espíritas quando foram surgindo? Eram dissidentes do Camilo Chaves querendo abrir outros centros espíritas na região?

Mauro- Acho que não era bem isso não. Eu me lembro do Expedito Leão, ele frequentava o Camilo Chaves, ia lá algumas vezes, mas ele se tornou espírita independente. Mesma forma a Casa do Caminho, o Luiz Claudio antes de começar ele tinha um grupinho que visitava com ele o Rebenta Rabicho, ele ia fazer a prece na nossa visitação no dia de domingo, então sempre teve um relacionamento muito bom, mas não necessariamente pessoas saíam dali e formava o seus. Ou eles já estavam com aquela ideia e já viam nossa estrutura e gostavam.

Ronan- São 6 ou 7 centros espíritas. Eles se relacionam? Pegam ideias com os outros?

Mauro- Se relacionam muito bem, isso aí é mérito do Dirceu. O Dirceu teve uma capacidade de compatibilizar isso, muito interessante. Eu acho que é uma relação muito intensa em relação às palestras. Os palestrantes de um centro estão fazendo no outro, nós temos aqui a Elizete tá fazendo palestra nos outros centros e a Dorinha faz no Camilo Chaves, por aí em diante.

Ronan- A ideia do centro espírita vocês pegaram de algum lugar?

Mauro- O Camilo Chaves a gente aproveitou o estatuto que foi feito em Formiga, eu conheci o Pedro Virgílio em Belo Horizonte, e ele arrumou pra gente uma cópia do estatuto, então serviu de primeiro modelo. Então esse impulso de criar um centro desde o início a gente tava com ele, a gente não tinha condição efetiva de fazer, mas ele veio no nascedouro, é o primeiro sentimento que a gente tem é de fazer um lugar que a gente possa reunir com certa independência.

Ronan- As instâncias superiores do espiritismo, vocês sempre tiveram a assistência necessária nos primeiros passos do espiritismo aqui em Viçosa?

Mauro- Olha, eu acho que principalmente esse apoio em termos de palestras, todos esses palestrantes nossos eram vinculados à União Espírita Mineira (UEM), o próprio nome, a sugestão do Camilo Chaves foi vinda de lá. Agora não houve a ligação financeira, agora o apoio muito grande na parte afetiva, por esses palestrantes.

Ronan- Você cita os palestrantes que de certa forma o apoio da UEM, esses palestrantes eram pagos? E a hospedagem?

Mauro- Todos eles voluntários, até mesmo porque o centro não tinha condição de pagar. Geralmente a Adélia Maffia, a Adélia foi uma figura chave nesse processo todo, eu acho que sem exagero, de todos nós, e a figura mais importante, eles ficavam na casa de Adélia.

Ronan- Pro movimento espírita viçosense, você afirmaria que a figura mais importante seria a Adélia?

Mauro- Porque a Adélia foi a pioneira. Porque de certa forma que enfrentou todas as possíveis dificuldades, e graças a personalidade forte dela, decisão e ótimo conceito que ela gozava na cidade, isso pra gente tudo facilitou muito e a gente era muito novo, estudante, sem aquela maturidade, sem aquela vivência que vai adquirindo com o tempo. Então eu acho que se não fosse a figura de Adélia, possivelmente a gente não teria ido muito longe não.

Ronan- O movimento espírita viçosense sempre teve uma boa convivência, uma boa relação com a população de viçosa?

Mauro- Até onde eu sei ótima relação. Eu não conheço nenhum caso, é claro que você sente que algumas pessoas não gostam, isso é natural, agora coisas extensivas, de oposição eu nunca senti. A gente fazia campanha do quilo, e era muito doadores que não eram espíritas, mas que doavam. O centro sempre teve um trabalho assistencial, mais ou menos intenso, na distribuição de leite, de mingau, de alimento e o pessoal sempre colaborou mesmo e as doações a maioria não era de espíritas, era de católico mesmo.

Ronan- Como é atualmente o Camilo Chaves? Os trabalhos, vocês sentem a necessidade ou não da expansão? Ou vocês visam algo maior para o Camilo Chaves?

Mauro- O que eu acho nesse tipo de trabalho é que muitas ideias boas aparecem, muita coisa aparece pra fazer, o problema é que você precisa de gente. Não adianta você começar alguma coisa com aquele entusiasmo e não ter continuidade. O Camilo Chaves sempre sofreu por uma flutuação sazonal muito pronunciada, grande parte dos colaboradores do centro, em particular no passado eram ligados a universidade, o acontecia nas férias, eles iam embora. Então você dificilmente conseguia manter aquele

pique, que você poderia ter na época da escola, então teve um ajuste, até em termos de sobrevivência, para não pegar muita coisa pra fazer além daquilo que o grupinho mais fiel, mais permanente pudesse realizar, e até hoje permanece mais ou menos isso, cada qual na medida do limite maior, mas sem muita intenção de expansão, justamente na ideia de que não conseguir manter aquilo ali.

Ronan- No início do Camilo Chaves vocês passaram por algumas dificuldades, com essa sazonalidade vocês aprenderam a se adaptar e trabalhar mais com o grupo que ficava mais em Viçosa?

Mauro- Eu por exemplo já abri reunião e fechei do Camilo Chaves sozinho. De certa forma a gente tinha um temor de iniciar atividades com muita demanda de gente e não podemos atender aquilo de forma conveniente.

Ronan- Você chegou a temer que o Camilo Chaves fechar?

Mauro- Não, eu nunca pensei isso.

Ronan- Vocês hoje se adaptaram a sazonalidade e hoje o trabalho flui bem?

Mauro- Eu acho que flui. O centro mantém quase 40 famílias na campanha do quilo, quase 40 no lactário, e tem as reuniões, os passes, acho que trabalha mais ou menos intenso, poderia ser melhor? É claro que poderia. Tem muito onde melhorar? É claro que tem, mas a gente acha que tá realizando bem.

Ronan- Desde o início no movimento espírita de Viçosa você citou a questão dos estudantes da UFV, ao longo desse tempo sempre havia estudantes da universidade que vinham participavam do centro e depois se formava e iam embora?

Mauro- Sempre aconteceu, o centro sempre foi uma casa de passagem. Muitos desses estudantes sempre mantiveram uma ligação afetiva muito grande com o centro, passaram aqui, e tiveram a experiência e depois sentiram saudade daquele ambiente, aqui era um ambiente gostoso. Só que atualmente, muitos desses que eram estudantes ficaram aqui, então você tem hoje um número bastante grande de pessoas que não são mais temporários.

Ronan- Alguns desses estudantes, que não moram mais em Viçosa, mas que alguma forma já participaram de reuniões e palestras no Camilo Chaves, mesmo estando em

outras cidades vem em viçosa? E os novos estudantes, é comum vir e participar das reuniões? Desde do início é comum participar, ter o vínculo e ir embora?

Mauro- Vem sim, visitam, em particular nas festas de fim de ano, os ex-alunos vem. Os mais novos participam das reuniões e palestras.

ENTREVISTA SÉRGIO ALMEIDA REALIZADA NO DIA 28/09/2016

Ronan- Queria que me falasse seu nome e contasse a história do centro espírita que você é um dos fundadores.

Sérgio- Meu nome é Sérgio Luiz Ferreira de Almeida, no início eu não participei das reuniões e ainda não era uma casa espírita. Aproximadamente em 1989, 1990, um casal, Domingos e Margarida, estavam ouvindo barulhos na laje da casa, o marido subia, e nada via, isso se repetiu várias vezes, eles não tinham conhecimento nenhum espírita, eram católicos, praticantes, não tinham noção nenhuma. Acontece que, um tempo depois, conversando, não me lembro se quer com a Dorinha, Maria das dores brumano, ou com a lalada, esmeralda pinheiro, não sei com qual dessas duas, que já estavam no espiritismo há bastante tempo e aconteceu de combinar e fazer uma reunião na casa da Margarida e do Domingos, e assim foi feito, nessa época quem lá ficou e participou foi só a esposa Margarida, Domingos não quis participar por questão de princípios e houve uma manifestação do antigo dono desse lote, que reivindicava a sua propriedade. A partir daí, passaram a fazer reuniões periódicas nesta casa, que eu saiba Margarida, lalada e Dorinha, mais duas pessoas que não me lembro o nome, não cheguei a conhecer porque eu não participava, eu também sempre fui simpatizante do espiritismo, uma vez que meu pai era spiritista, assim como meu avô paterno, e logo após, passado um tempo, conseguiram um espaço, num depósitozinho, na casa de Maria Chequer, no bairro de ramos, lá no fundos, coisa pequena, onde me convidaram, participou dessa reunião, informal, uma vez que não tinha denominação, fui eu, meu irmão Carlos Augusto, a Dorinha, lalada e mais duas pessoas que também não me lembro o nome. A partir daí, passamos a esporadicamente, fazer reuniões mediúnicas nesse local. Logo após, eu consegui nos alojar na rua Dr. Milton bandeira, 140, onde hoje é o central shopping, lá eu tinha dois depósitos, dois cômodos, esvaziei um e cedi para que nós

fizemos nossas reuniões lá, isto foi em 1991, na casa da Maria chequer ficamos uns quatro meses no mesmo ano. Aí passamos lá a organizar, fazendo atas, escolhemos o nome do grupo, Grupo Espirita Caminho de Amor, e a ata de abertura foi onde oficialmente foi criada a nossa casa, denominando a casa, foi dia 22 de maio de 1992, onde foi criado oficialmente no casa espirita Caminho de Amor. Por lá já se passaram muitas pessoas, principalmente estudantes, ficavam certo tempo até se formar, iam embora, a mesa mediúnica foi dessa maneira, itinerante, o Domingos Sávio da Silva, marido da Margarida passou a frequentar e nessa época então, já as reuniões mediúnicas começamos, hoje já sabemos que do avesso, nós fomos errados, nós já sabemos que as reuniões mediúnicas seriam logo depois de todos os estudos, de todos os conhecimentos, mas nós pensamos de um jeito e a necessidade de um plano espiritual, acabamos começando erradamente, mas na reunião mediúnica, participavam então, além de nós (Sérgio, Margarida, Domingos, Lalada, Dorinha Brumano), a Uiara é uma estudante, já passou bastante tempo, acho que ela ainda milita no espiritismo, Francis, irmã da Maria Chequer e acredito também que a Duia chegou a participar de umas reuniões e mais outros tantos. Desse local que ficamos um bom tempo, até que Dr. Expedito, que era o presidente da ACEAK, terminou a construção de sua sede na rua Dona Gertrudes e aí nós mudamos para antiga sede da ACEAK, na rua Marli Azevedo e lá ficamos por um bom tempo, quando começou a cair o telhado, e a proprietária tinha dificuldade pra consertar, e tivemos de mudar, eu nessa época morava na rua Manoel Clemente, bairro bom Jesus, que dava pra uma outra rua, uma rua sem saída, entroncamento com a rua nossa senhora das graças, lá no finalzinho, quase a imagem de uma santa que tem lá, a esquerda, que era minha garagem, lá nós ficamos até o ano de 2000. Foi quando eu vendi o imóvel e nós tivemos de sair, mas parece que o destino, por assim dizer, quisesse que nós ficássemos no bairro bom Jesus, onde nós estamos até hoje. Da nossa garagem nós conseguimos alugar uma casa em frente ao grupo (colégio) que lá existe, na rua Manoel Clemente, lá nós ficamos também, está lá na ata, alguns anos, mudamos para uma casa, na mesma rua, porque também começou a vazar muito, lá nós ficamos dois anos. Mudamos pra mais alto do bom Jesus, rua São Pedro, ficamos dois anos e hoje nós estamos no bairro bom Jesus, na rua Getúlio Vargas, nº 50, já fazem 3 anos. A casa hoje continua pequena, como disse no começo, na época, até pouco tempo, os frequentadores eram estudantes, adeptos do espiritismo, que frequentam nossas reuniões, que são a reunião aberta, de palestra toda segunda-feira de 19h30 às 20h20, logo depois passes. Na terça-feira, as reuniões mediúnicas que

começam às 19h35 e terminam às 21h00 e na quinta-feira tem o atendimento fraterno, que começa às 18h30 e não tem hora pra terminar, mas como disse, que é uma casa pequena, se pratica pouca assistência, normalmente se termina lá pelas 20h, 20h30. Hoje o Domingos Sávio da Silva é o presidente, eu sou o vice-presidente, a Margarida Maria da Silva, Elizabete Iria Rosa, a Dora, Maria Luiza, Maia, Efigênia, Daiana, são essas pessoas que trabalham na mesa mediúnica e alguns outros que são frequentes nas nossas reuniões de segunda-feira. Estamos até hoje, nós adquirimos um imóvel na rua São Pedro, bairro bom Jesus, onde nós pretendemos construir nossa sede, mas como nossa casa é pequena, são poucos trabalhadores, poucos colaboradores, ainda estamos tendo dificuldade.

Ronan- Você poderia contar mais detalhadamente sobre os trabalhos que foram, e ou são realizados pelo Caminho de Amor?

Sérgio- Nós, até pouco tempo atrás, tínhamos aos domingos a evangelização, era um grupo, que nós atendíamos em torno de 30 crianças, mas quando nós tivemos de fazer essa mudança de local, lá não comporta. Então nós hoje só ficamos com essas três atividades que eu já citei. Nós temos planos, que são grande, de quando nós construirmos nossa sede, a dar aula de costura, de boas maneiras, direcionada a economia doméstica, as empregadas domésticas, reforço. Nós temos professores já aposentados que se dispuseram a fazer isso, mas no momento, por falta de espaço, ainda não colocamos em prática, mas a gente tem feito hoje um atendimento fraterno mesmo, fora da casa no momento a gente não tem muita atividade não. Às segundas-feiras são as palestras abertas ao público, são as palestras de cunho cristão, pautadas dentro da moral cristã, pra isso nós recorremos ao evangelho segundo o espiritismo e obras também espíritas, esse é a segunda-feira, todo o centro espírita não foge disso, discutir, estudar, o evangelho segundo Jesus Cristo. Às terças-feiras é a reunião mediúnica, onde nós trabalhamos em socorro aos nossos amigos espirituais, trabalho de disseção, incorporação depois dos guias espirituais, onde nós levamos socorro, onde nós mantemos a mediunidade, recitamos a mediunidade, nós mantemos o contato com o plano espiritual e procuramos trazer auxílio, direcionar aqueles que já partiram do corpo carnal. Às quintas-feiras, é esse trabalho fraterno, nós primeiro começamos com a leitura do evangelho e obras afins, fazemos um pequeno comentário, que é às 18h50, o trabalho começa às 18h30, logo após, numa sala especial, médiuns já comprometidos com essa tarefa, lá se colocam a disposição, onde levamos atendimento aos presentes e

aos que são levado nomes, onde são recebidos os médicos dos planos espirituais, para auxílio a esses que lá acorrem, esses são os trabalhos momentaneamente praticados em nossa casa.

Ronan- O trabalho de evangelização com as crianças aconteceu quando? Conte-me mais sobre.

Sérgio- Esse trabalho se não me falha a memória até 2013 ainda existia quando estávamos em outra casa, esse trabalho ele funcionou em torno de oito ou nove anos, foi de 2005 a 2013, mais ou menos. Foi onde se preparava as crianças, não importando, não escolhendo a religião e a classe social, principalmente eram as crianças do bairro, para manter essa “confraternização” com os moradores do bairro, então eram crianças de lá e nós ajudava nos estudos, ajudava na doutrina quando tínhamos oportunidade e assim desejavam os pais, familiares, nunca entramos em atrito, respeitamos todas as religiões, mas foi um período muito bom, hoje já temos muitos desses que frequentaram a casa já são cidadãos, são maiores de idade, mas alguns também se desviaram do caminho, mas foi um trabalho promissor e nós pretendemos retoma-lo assim que for possível.

Ronan- Você se lembra de mais algum trabalho realizado pelo caminho de amor?

Sérgio- Não, os trabalhos sempre foram esses, a gente na época, mesmo tendo muito pouco conhecimento da doutrina espírita, graças a Deus, a gente procurou trabalhar dentro dos preceitos do espiritismo trazido por Kardec.

Ronan- Lá na rua Marli Azevedo, antiga sede da ACEAK vocês ficaram quanto tempo? E na rua Dr. Milton Bandeira?

Sérgio- Uns 4 anos. Na rua Milton Bandeira foram uns 3 ou 4 anos e dali saímos para a rua Marli Azevedo. Na Marli Azevedo o teto caiu, aí fomos para a minha garagem e lá ficamos uns três ou quatro anos, aí alugamos uma casa, onde ficamos um bom tempo, aí passamos para uma outra casa na mesma rua.

Ronan- Dos centros espíritas de Viçosa o Caminho de Amor foi o mais “nômade”, que trocou mais de sede, essa dificuldade de ter uma sede, você acha que por causa do grupo pequeno atrapalham vocês em algum momento?

Sérgio- Essas mudanças como você disse, nossa casa é pequena. Nômades mesmo eram os frequentadores lá, a maioria dos frequentadores eram estudantes, então não criaram raízes lá, vinham, estudavam e frequentavam, depois que terminava os estudos

iam embora. Hoje, dos que fundaram a casa, só ficou, eu, a margarida e o Domingos, várias pessoas que ajudaram a criar esta casa, lá não estão mais, uns estacionaram, outros largaram o espiritismo, ou mudaram de casa. Então como todos os lugares são casas alugadas e nossa renda é pouca, muito das vezes nós somos obrigados a mudar num ajuste de aluguel, outras quando surgiu a oportunidade de podermos nos localizar melhor. Hoje estamos numa casa que pertence a uma das frequentadoras da casa, a Maria Luiza Maia, ela cedeu esse espaço, ela morava lá, acabou a construção na parte de cima, aí ela cedeu lá e nós estamos lá até hoje. Estamos tentando ainda, mas a parte financeira tem pesado muito devido aos poucos contribuintes de nossa casa. Ela é a menor casa espírita de Viçosa.

Ronan- Vocês em algum momento da trajetória se sentiram desconfortáveis? Sofreram algum tipo de preconceito?

Sérgio- Não, em momento algum, muito bem recebidos, graças a Deus nunca tivemos problemas por sermos espíritas, sempre fomos muito bem recebidos. Nós estávamos conversando outro dia que já passaram mais ou menos 200 pessoas pela nossa mesa mediúnica, parece pouco, mas para uma casa pequeninha é muito, temos amigos em Brasília, inclusive uma delas, dirige uma das maiores casas espíritas de lá, o pai dela o Valdomiro quem é espírita aqui da região conhece. Nós temos outros amigos em Valadares, no Espírito Santo, sempre encontramos com ex-frequentadores que veem aqui passear.

Ronan- A interação entre os centros espíritas viçosenses é bem frequente? Se precisar eles ajudam em alguma coisa, aconselham?

Sérgio- Se tem uma coisa que o espiritismo aqui em Viçosa peca na minha visão é essa interação, infelizmente. Nós temos a AME (Aliança Municipal Espírita) que congrega as casas, mas a gente tá falhando muito por não nos mantermos mais unidos. Eu mesmo quando tem algumas palestras, quando vem algum palestrante de fora, que reúne um número maior de espíritas eu me assusto quando vejo pessoas que nem sabia que era espírita, essa integração das casas espíritas de viçosa está muito fraca, e eu tenho falado isso, a culpa é nossa, todos, não to falando diretamente de algum dirigente, ou casa, a gente tá precisando inteirar mais, conhecer um ao outro, agora se precisarmos ou precisarem de ajuda, eu certeza que qualquer casa vai se disponibilizar a ajudar um ao outro, isso aí eu não tenho em momento algum dúvida sobre. Agora a colocação que

eu faço é isso aí, nós precisamos nos conhecer, nós espiritas de viçosa não nos conhecemos.

Ronan- Esses participantes “flutuantes” depois que se formam e vão embora, desligam-se totalmente do grupo do Caminho de Amor? Ou mantêm algum tipo de comunicação?

Sérgio- Se desligam totalmente, a dificuldade de se contactar, se formam, constituem família, arrumam emprego, então não mantemos essa interatividade.

Ronan- Você acha que o Caminho de amor não é maior por ter essa característica dos membros serem temporários?

Sérgio- Hoje 90% dos frequentadores já são nativos, residem em Viçosa, porque que a nossa casa não cresce? Pelo seguinte, pela localização e também nós não fazemos propaganda, assim como os outros centros espiritas, as vezes a pessoa vai lá frequenta umas duas, três reuniões e não se adapta, aí vai para outro centro espírita, como outros de outras casas espiritas vão pra lá e é normal. Viçosa se você observar as casas aqui, são relativamente pequenas, quando tem muito frequentador, tá muito cheio, isso é difícil, as três maiores casas (Camilo Chaves, ACEAK e Irmã Scheila) de frequentador fixo se tiver muito é 100. Então no nosso caso, a nossa casa tem o problema da localização, segundo pelo número de frequentadores e uma coisa muito importante é o espaço, nossa casa se for muito tem 15, mas se for 30 não cabe lá, então o espaço físico é pequeno, e a própria espiritualidade se encarrega disso, não sei se por falta de trabalho ou preparo, eu não sei, mas ela tem de estar do tamanho que tá hoje.

Ronan- E a sede própria do Caminho de Amor, vocês tem alguma previsão?

Sérgio- Olha a nossa previsão já foi furada umas 5 ou 6 vezes, porque nós já sabemos que existem vários amigos nossos, simpatizantes do espiritismo que disseram que na hora que começarmos a construir estarão dispostos a ajudar. Mas acontece o seguinte, o nosso sonho é construir três andares, primeiro seria a parte de reuniões públicas e fechadas, o segundo andar seria talvez creches, salas de aula e o terceiro seria salas de costura, maquiagem, corte de cabelo e muitas coisas mais. Para que isso aconteça nós precisamos tirar isso do chão, e essa estrutura do chão é cara, por causa da quantidade de andares que vai ser colocada ali, se fosse só um andar, se construía um galpão e já estaria pronto, mas da última vez que nós pensamos em construir, fizemos

um levantamento, chegamos à conclusão que só para tirar do chão, nós iríamos gastar no mínimo, 40 mil reais e nós não dispomos desse dinheiro, se nós tivéssemos a metade desse dinheiro, nós poderíamos começar e com certeza aos poucos iríamos construindo. Nós acabamos de pagar o lote há pouco tempo, nós financiamos o lote em nome do Domingos Sávio, que é presidente da casa, mas já pagamos e agora devagarinho nós estamos juntando esse dinheiro pra ver se consegue tirar do chão, não temos dúvidas de que no momento em que fizemos isso, nós vamos conseguir acabar a construção, mas temos que pensar bastante, porque o material com o tempo pode perder, então quando começarmos a levantar essa base, tem que ser de uma vez só, tem que terminar a base toda, então é por isso que a gente não começou ainda, por falta de dinheiro, mas o lote graças a Deus já é nosso, nós vamos aproveitar 10 m x 20 m , o lote é maior, mas a área que vai dar para a gente usar vai ser mais ou menos isso, vai ficar uma casa bem boa. E desenvolveremos todas essas atividades que já foram citadas, cursos profissionalizantes pro pessoal do bairro, para ter mais interatividade com o pessoal do bairro, isso tudo gratuito.